

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

**Pâmella Erarte Bolzan**

**NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE UM ESPETÁCULO: RELATO DO  
PROCESSO DE CRIAÇÃO DE “A CULPA NÃO É DA MOÇA”**

Porto Alegre  
2017

**Pâmella Erarte Bolzan**

**NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE UM ESPETÁCULO: RELATO DO  
PROCESSO DE CRIAÇÃO DE “A CULPA NÃO É DA MOÇA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Lisete Arnizaut Machado de Vargas

Porto Alegre  
2017

**Pâmela Erarte Bolzan**

**NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE UM ESPETÁCULO:  
Relato do processo de criação de “A culpa não é da moça”**

Conceito Final:

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Luciana Paludo - UFRGS

---

Orientadora - Profa. Lisete Arnizaut Machado de Vargas - UFRGS

## CIP - Catalogação na Publicação

Bolzan, Pâmella Erarte

Não se nasce mulher, torna-se um espetáculo:  
relato do processo de criação de "A culpa não é da  
moça" / Pâmella Erarte Bolzan. -- 2017.

60 f.

Orientador: Lisete Arnizaut de Vargas.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de  
Educação Física, Licenciatura em Dança, Porto Alegre,  
BR-RS, 2017.

1. Dança. 2. Feminismo. 3. Arte . 4. Arte-  
feminista. I. Vargas, Lisete Arnizaut de, orient.  
II. Título.

Dedico este trabalho e o espetáculo, assim como todos os aplausos que recebemos, a todas as mulheres que por algum motivo, tiveram suas vidas interrompidas, sua felicidade e sua liberdade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha **mãe**, por ser o melhor ser humano do mundo, a pessoa mais carinhosa e amorosa que eu conheço. Por continuar a fazer meu lanche diariamente, não importando qual seja a minha idade. Por continuar a trabalhar no comércio mesmo já sendo aposentada, para que eu possa ter minha formação acadêmica, enfrentando anos após anos, muitas horas em pé, principalmente no final do ano quando aumentam as horas de expediente. Por te ver quase rastejar em casa, de tão cansada, mas ainda perguntar se eu comi. Por sempre ter me priorizado em todos os segundos desde que nasci.

Aos integrantes do Tulipa Coletivo de Dança, vocês construíram muito mais do que um espetáculo, mostraram que os sonhos são possíveis de serem realizados. Eu, que já não sonhava mais, consigo fazer planos, desde que vocês me acompanhem, pois sou uma incurável dependente. Obrigada: Aléxia, Chico, Danielle, Gabrielle e Rafaela.

Aos amigos que fizeram participações especiais no espetáculo, aceitando um cachê de cerveja. Sem a colaboração de vocês, não teríamos conseguido atingir todos os objetivos. Obrigada: Adso, Bruno, Rodrigo, Matheus, Andrei, Elen, Gabriel, Luka, Driko.

As avós mais queridas do Brasil que, costuram, fazem salada de maionese e vão assistir a neta (Aléxia) dançar, Maribel Vieira e Carmen Silvia.

Aos professores do curso de licenciatura em dança que nunca puderam ver a Pâmella como uma aluna exemplar, porque não sou. Acreditem, eu melhorei, sou uma pessoa mais calma e madura. Obrigada pela paciência e todos os ensinamentos.

A minha melhor amiga Ailana, que há oito anos, em meio às escadas de um curso técnico que nunca chegamos a concluir, falou “Por que tu não faz dança? Tem na UFRGS”.

“Aqueles olhos brilhavam  
Eram as lágrimas que os contornavam  
Lembrou-se dos tempos difíceis  
Tentou dizer coisas simples  
Sua voz calou  
Apenas lembrou  
Moça linda, estás a chorar?  
- Estou, fiquei a lembrar.  
Apertões, murros e cutucões.  
Palavras rudes, beliscões, arranhões.  
Frases no imperativo:  
- Tira isso!  
O choro ali, engolido.  
Moça nenhuma precisa disso  
Ele se foi.  
A certeza, nossa,  
É de que a culpa não é da moça”.

Cíntia Duarte

## RESUMO

**Objetivo:** Registrar o processo de criação do espetáculo “A culpa não é da moça”. Refletir a cerca de: música, movimento, cena, figurino, cenário, entre outros. **Procedimentos metodológicos:** Relato de experiência de tudo que constitua o espetáculo. Incluindo as rodas de conversa entre os integrantes do coletivo de dança para aprofundar a temática e fazermos questionamentos que possam agregar na apresentação. **Resultado:** Este foi o primeiro trabalho do “Tulipa Coletivo de Dança”, pelo retorno que tivemos das críticas do público, ficamos muito satisfeitos com a nossa produção, estamos estudando possíveis editais de dança para participarmos e pretendemos apresentar novamente este espetáculo no próximo ano. As pessoas que não se identificavam com o feminismo ou que não sabiam sobre o assunto, ao assistirem o espetáculo entenderam a necessidade de haver mulheres falando sobre mulheres. **Conclusão:** A partir da vivência e experiência como mulher, bailarina e coreógrafa, juntei o que estava me preocupando diariamente com a dança. Acredito que a dança e as artes no geral, são fortes e potentes formas de protestar, informar, alertar, reivindicar. Através da arte, podemos tratar de qualquer tema de um modo sutil ou não, podemos fazer de um jeito mais poético ou objetivo. Em um mundo hostil, cheio de medos e maldades, com muita arrogância e pouca empatia, a arte também acalma, conforta e protesta, por si e pelos outros, no caso, por nós mulheres. Faço o papel de diretora neste espetáculo, mas nenhuma escolha foi feita de modo autoritário ou hierárquico, todos os componentes do “Tulipa Coletivo de Dança” opinaram e decidiram tudo que envolvia o espetáculo. É um trabalho que necessitou da participação e colaboração de todos os bailarinos. Juntando protesto-arte, arte-protesto, pudemos obter uma composição que fosse consistente e ao mesmo tempo efêmera, poética e de livre interpretação. Nesta produção, combinamos; comparamos; encenamos e dançamos a vida de muitas mulheres de décadas atrás com a mulher atual – que já atingiu certos direitos e igualdades e que aparentemente é mais livre. Porém, ainda somos olhadas de formas constrangedoras e constantemente julgadas. Roupas, cabelo, unhas, pelos, aparência, comportamento.

**Palavras-chave:** dança; feminismo; arte e feminismo.



## ABSTRACT

**Objective:** To register the process of creation of the spectacle "Is not the girl's fault". Reflect about: music, movement, scene, costumes, scenery, among others. Methodological procedures: Report of experience of everything that constitutes the spectacle. Including the conversation wheels among the members of the dance group to deepen the theme and ask questions that may add to the presentation. **Result:** This was the first work of "Tulip: Dance collective ", for the feedback we received from the critics of the public, we were very satisfied with our production. We are studying possible dance announcements to participate and we intend to present this show again next year. People who did not identify with feminism or who did not know about it, while watching the show understood the necessity for women to talking about women. **Conclusion:** From the experience and experience as a woman, dancer and choreographer, I joined what was worrying me daily with dance. I believe that dance and the arts in general are strong and powerful ways to protest, inform, alert, and vindicate. Through art, we can deal with any subject in a subtle way or not, we can do it in a more poetic or objective way. In a hostile world, full of fears and evil, with great arrogance and little empathy, art also calms, comforts and protests, for ourselves and for others, in the case, for women. I play the role of director in this show, but no choice was made in an authoritarian or hierarchical way, all the components of the "Collective Dance Tulip" opined and decided everything that involved the spectacle. It is a work that needed the participation and collaboration of all the dancers. By joining protest-art, art-protest, we can obtain a composition that is consistent and at the same time ephemeral, poetic and freely interpreted. In this production, we combine; we compare; we staged and danced the lives of many women decades ago with the current woman - who has already reached certain rights and equalities and who is apparently freer. However, we are still looked at in embarrassing and constantly judged ways. Clothing, hair, nails, hair, appearance, behavior.

**Keywords:** Dance; Feminism; Art and feminism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Meninhas / doutrinação feminina.....	43
Ilustração 2 – Rede de Opressão.....	44
Ilustração 3 – Masturbação feminina.....	45
Ilustração 4 – A culpa não é da moça.....	46
Ilustração 5 – Relacionamento abusivo / abuso sutil.....	47
Ilustração 6 – Você é seu próprio lar.....	49
Ilustração 7 – Profissões não femininas?.....	50
Ilustração 8 – Atrás de um ditador, existe um grande amor.....	51
Ilustração 9 – Bela, recatada e do lar.....	52
Ilustração 10 – Violência doméstica.....	54
Ilustração 11 – Depositadas, silenciadas.....	55

## SUMÁRIO

<b>1 “AS MENINAS ESTÃO QUE NEM MENINOS”</b> .....	13
<b>2 O QUANTO EU CAMINHEI PARA CHEGAR ATÉ AQUI</b> .....	15
<b>3 FEMINISTAS: COMO VIVEM? O QUE COMEM? COMO SE REPRODUZEM?</b> .....	21
<b>4 TULIPA COLETIVO DE DANÇA</b> .....	24
4.1 DA BEBIDA SE FEZ TULIPA.....	25
4.2 POR QUE TULIPA?.....	27
4.3 AMIGAS x COLEGAS.....	27
4.4 AS RODAS DE CONVERSA.....	28
<b>4.4.1 A 1ª conversa: três em sete</b> .....	29
<b>4.4.2 A 2ª conversa: não interessa o que você faça. Será julgada</b> .....	30
<b>4.4.3 A 3ª conversa: substituídas</b> .....	30
<b>4.4.4 A 4ª conversa: mulher bêbada é muito feio</b> .....	32
<b>4.4.5 A 5ª conversa: extremismos</b> .....	34
<b>4.4.6 A 6ª conversa: as revelações</b> .....	35
<b>5 ELEMENTOS QUE COMPUSERAM O ESPETÁCULO: IMPOSSÍVEL SEPARÁ-LOS</b> .....	37
5.1 MENININHAS / DOCTRINAÇÃO FEMININA.....	38
5.2 REDE DE OPRESSÃO.....	40
5.3 MASTURBAÇÃO FEMININA.....	41
5.4 A CULPA NÃO É DA MOÇA.....	42
5.5 RELACIONAMENTO ABUSIVO / ABUSO SUTIL.....	43
5.6 VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR.....	44
5.7 PROFISSÕES NÃO FEMININAS?.....	46
5.8 “ATRÁS DE UM DITADOR EXISTE UM GRANDE AMOR”.....	48
5.9 “BELA, RECATADA E DO LAR”.....	48
5.10 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	49
5.11 DEPOSITADAS, SILENCIADAS.....	51
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	54

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	58
<b>APÊNDICES</b> .....	60
APÊNDICE I – REGISTRO DO TEXTO/ÁUDIO DO ESPETÁCULO.....	60
APÊNDICE II – REGISTRO DAS ANOTAÇÕES DE UMA RODA DE CONVERAS.....	61
APÊNDICE III – REGISTRO DE UM DESENHO COREOGRÁFICO.....	62
APÊNDICE IV – REGISTRO DOS TEMAS ESCOLHIDOS EM UMA REUNIÃO...63	
APÊNDICE V – REGISTRO DO ROTEIRO DO ESPETÁCULO.....	64
<b>ANEXOS</b> .....	65
ANEXO 1 – PROGRAMA DO ESPETÁCULO.....	65
ANEXO 2 – INGRESSO DO ESPETÁCULO.....	65

## 1 “HOJE EM DIA AS MENINAS ESTÃO QUE NEM MENINOS”

Escutei essa frase, acima, de uma senhora que trabalha em uma das escolas de educação infantil onde exerço a minha profissão de professora de dança. As meninas estavam correndo e brincando, ao serem chamadas, pela professora, para fazerem outra atividade, demoraram a atender e a executar o que lhes havia sido solicitado. E essa agitação e relutância por parte das meninas ocasionaram um estranhamento nesta senhora que, afirmou “hoje em dia as meninas estão que nem meninos”.

Nesta expressão, podemos fazer uma profunda reflexão sobre gênero. Afinal, crianças do sexo feminino devem ser diferentes de crianças do sexo masculino? Eu acredito que não. Crianças podem gostar de brinquedos e brincadeiras que eu julgo serem “assexuadas”, em razão de que uma boneca ou um carrinho sejam objetos que não deveriam ser expostos e, doutrinados de acordo com o gênero. Contudo, infelizmente, estas questões de igualdade de gênero ainda são - de certa forma, uma novidade, não que tenham discutido sobre este assunto apenas agora, mas, atualmente que estamos vendo na mídia inúmeras mulheres protestando sobre direitos iguais. Atrizes, mães, donas de casa, professoras, médicas, entre várias outras trabalhadoras. Elas estão falando e estamos ouvindo! Por isso, as meninas estão que nem meninos.

Eu também queria ser ouvida e, explicar o que eu sinto. Por isso, com todas estas inquietações e reflexões, convidei algumas pessoas para fazerem parte de um coletivo de dança e, através de um processo colaborativo, montar o espetáculo de dança “A culpa não é da moça”. Trata-se de uma produção com a temática feminista, na qual, trouxemos nossos medos e indignações para serem transformadas em arte. Um protesto poético. Partimos do princípio que todas as mensagens que passaríamos ao público, em cada cena, seria de modo objetivo e claro. Pois, queríamos que todos os espectadores compreendessem cada assunto que havia sido mostrado e então, nascesse uma empatia, sororidade<sup>1</sup> por nós, mulheres.

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para expressar empatia entre as mulheres.

Neste trabalho, eu explico todas as escolhas que compuseram e permearam o espetáculo. Incluindo, a minha maior preocupação: agradar os integrantes e tentar contemplar as ideias e sugestões de todos. Também, as dificuldades que surgiram ao longo de onze meses, em que convivemos intensamente como membros de um coletivo de dança.

A minha principal motivação ao longo de todo o meu relato, tanto na construção do espetáculo, quanto nesta escrita, são as minhas vivências. Eu poderia justificar a importância deste trabalho com estatísticas e os dados alarmantes sobre a violência e os preconceitos que sofremos. Porém, quis dar ênfase à minha história e a tantas outras que me comoveram. Números são indispensáveis, mas frios e sem vida. Uma história bem contada, talvez faça mais efeito. Então, através das cenas, áudios, músicas e coreografias, contamos histórias. Neste trabalho escrito, explico “tim-tim por tim-tim” a cerca do feminismo e no que eu acredito que seja o certo e o mais adequado (para a minha vida).

Mudar é necessário, poucas coisas permanecem intactas e exatamente no mesmo lugar. O tempo pode deteriorar a matéria, ou melhor, transformá-la em outra composição, mudando seu significado e essência. Viver e portar-se como há anos atrás, não condiz com a coerência da vida, pois, como diz na música do cantor Cazuza<sup>2</sup>: “O tempo não para”. Assim, até mesmo o diamante, material mais resistente encontrado na natureza, não é eterno. Se nada é para sempre, ou quase nada, a existência humana e material passa por inúmeras transfigurações, minhas opiniões e princípios também. Para que eu pudesse mudar, o mundo teve que contribuir, Meyer pontua certas metamorfoses e auxílios que favoreceram o movimento feminista:

Os últimos 50 anos do século XX nos mostraram inúmeras transformações sociais, culturais e políticas nos mecanismos de compreensão, vivência e exposição da sexualidade, principalmente nas culturas ocidentais. Alguns acontecimentos contribuíram, entre eles, para a repercussão das críticas advindas do movimento feminista; a implementação e influência das mídias; (...). (MEYER, 2004, p. 41)

---

<sup>2</sup> Cantor brasileiro (Álbum: O tempo não para, 1988).

Meu desejo é mostrar para o maior número de pessoas possível que, feminismo busca a igualdade e o respeito, nada mais. Através do espetáculo, sinto que ajudamos (mesmo que de forma singela) para a construção de um pensamento mais digno em relação às mulheres. Com empatia, conseguimos fazer melhorias, pequenas ou grandiosas, o importante é não permanecer com inércia às injustiças.

## **2 O QUANTO EU CAMINHEI PRA CHEGAR ATÉ AQUI...**

“A arte existe porque a vida não basta”. (Filósofo Ferreira Gullar em entrevista ao editor Samuel Titan Jr. Reportagem retirada do site globo.com G1). Quando eu li essa frase foi como se eu tivesse visto o fogo pela primeira vez, simples, mas com uma força difícil de descrever. Fico emocionada que poucas palavras tenham conseguido explicar o que eu tanto indagava. Agora que eu já sei o motivo da existência da arte, posso usá-la sem receio. Em um mundo hostil, cheio de medos e maldades, com muita arrogância e pouca empatia, a arte também acalma, conforta e protesta, por si e pelos outros. Juntei protesto-arte, arte-protesto para falar do que é nascer/tornar-se mulher.

A mulher feminista que me inspirou a dar o nome a este projeto, não seria ninguém menos do que Simone de Beauvoir! Consagrada escritora francesa, com obras que problematizam sobre a ausência de alteridade no universo feminino. Seu registro mais vendido e comentado é “O segundo sexo” com a primeira publicação em 1949. Neste livro, Beauvoir questiona a falta de reconhecimento em atribuir à mulher como ‘sujeito’, pois, o homem é o ser essencial, a mulher é um ser criado, em premissa, para agradar e distrair, servir o ser que lhe cedera uma costela. A escritora, também articula sua frase mais famosa que, ganhou destaque em todo o Brasil fazendo parte de uma questão do ENEM de 2017 e, contribuiu significativamente para o título deste trabalho acadêmico com “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009).

A doutrinação feminina é extremamente potente, assim como a dos homens. Porém, quem definiu as características que cada gênero deve possuir? Sendo que, as mulheres não tinham muito prestígio para tomarem decisões e, por conseguinte, arquitetarem “normas culturais ou sociais”. Somos fruto de escolhas masculinas, além de que, antigamente o pretexto para liderar/comandar era a medida da força, assim como Meyer relata:

Historicamente, pode-se encontrar o corpo tematizado como um elemento importante dos processos de produção, manutenção e transformação de identidades sociais e culturais e, concomitantemente, dos processos de diferenciação, hierarquização e desigualdade social: a força corporal foi, por muito tempo, um importante argumento, dentre outros, para explicar a superioridade dos homens sobre as mulheres. (MEYER, 2004, p. 9)

Se antes, a força era a justificativa para que os homens ditassem as regras, atualmente, de que formas o machismo impõe suas crenças em nossos corpos? Infelizmente, alguns homens ainda utilizam a coerção para controlar a mulher e em outros, as questões culturais e sociais se encarregam em ditarem sobre as nossas vidas. E é nesse ponto que queremos problematizar, não é pelo fato de alguns conceitos nunca terem mudado que não devam mudar. Com tantas inseguranças que rodeiam as mulheres, físicas e psíquicas, pois até mesmo as questões que envolvem a ditadura da beleza, nos afetam, e muito, reafirmo o que Trópia evidencia, a seguir:

As emoções são socialmente construídas e enraizadas no corpo. Assim, o que sentimos molda e é moldado por normas culturais, valores, crenças, estereótipos que existem na sociedade. Desse modo, vários fatores sociais afetam a maneira como as emoções são desencadeadas e expressas. (TRÓPIA, 2016, P. 43)

Através de inúmeros questionamentos, reflexões e inquietações, nosso coletivo de dança criou o espetáculo feminista de dança **“A culpa não é da moça”**, nele potencializamos nossos desejos e objeções, experiências vividas por nós e por mulheres próximas. Trouxemos nesse espetáculo, nossas vivências como artistas e, acima de tudo, mulheres.

Então, começaram a surgir pensamentos como: E quando nos tornamos mulheres? É quando nos doutrinam a sentar de pernas fechadas? Quando escutamos a primeira cantada na rua? Quando opinam sobre o nosso corpo? Roupas, cabelo, unhas, pelos? Comportamento? Sim, tudo isso é tornar-se mulher. Você não está livre de nenhum julgamento, está exposta. Seu corpo não é seu. Você é uma pessoa pública por “natureza”, aceite, aguente... Até quando? Muitas mulheres já não admitem mais que outras pessoas usem analisar as suas vidas. Nunca a frase “eu sou minha” foi tão utilizada como nos dias de hoje. Esse



empoderamento foi possível devido às mulheres feministas do passado que semearam a caminhada para um mundo mais igualitário, que ainda não é e está longe de ser. Correspondente a estas questões, hoje tem um número grandioso de mulheres que se expõem e que não se calam. Mas, onde elas se expõem e argumentam? Em todos os lugares. Ou, tentamos em todos.

Um dos aliados para essa igualdade de gênero é a internet, e com o aumento do uso das redes sociais, as pessoas interagem umas com as outras e também denunciam suas queixas e acontecimentos. Dessa forma podemos ter acesso a outras notícias e informações que percorrem diversas regiões, pois não há barreiras físicas ou geográficas no mundo virtual, segundo Recuero (2000, 3) “a comunicação reduz as distâncias e permite que as pessoas aproximem-se. Não em uma perspectiva concreta, obviamente, mas em uma perspectiva de percepção”.

Um dos assuntos que mais está sendo comentado na internet é o feminismo. Através da repercussão que este tema provoca, percebemos que muitas mulheres encontram nas redes sociais algum conforto, pois é uma forma de serem ouvidas e, ademais, buscam empatia de outros indivíduos para que entendam suas dores, medos, constrangimentos, entre outros sentimentos que as cercam.

O feminismo é uma reação provocada por milênios de subestimação feminina. A filosofia, a “arte do pensar”, foi usada como fundamento para nos oprimir, Gonçalves afirma que:

Platão e Aristóteles não hesitaram em estabelecer a desigualdade da mulher como “um fato da natureza que deveria obedecer a um fim qualquer” e justificam a inferioridade feminina com a mesma desenvoltura com que se referiam a sujeição do escravo. (GONÇALVES, 2006, p. 48)

Por sermos consideradas inferiores, logo, temos que obedecer àqueles que se declaram como superiores, no caso, os homens. É claro que não foram todos os homens de forma unânime a compartilharem desse sentimento, mas acredito que a maioria sim, pois a erudição social molda a nossa forma de pensar e agir. Eleni Varikas (2006) afirma que determinismo psicológico, social ou cultural pode ser tão poderoso quanto a questão biológica. Se o mundo é comandado por homens, as mulheres também aderem a essa cultura e reproduzem o machismo, e muitas vezes, sem perceber que se trata de uma questão comportamental condicionada, construída.

Internalize a cena: uma menina que está sentada no ônibus ao lado de sua mãe, de repente a mãe da menina põe a sua bolsa no colo da filha, esta olha para a mãe com estranheza e recebe a justificativa: “É que tu não parece ter a idade que tem, os homens acham que tu és mais velha e olham pras tuas pernas”. Essa menina é uma criança que ainda não tinha dez anos de idade, ela cresceu achando tudo isso normal, vendo os homens a constrangendo e escutando a frase “mulher tem que se dar ao respeito”, conforme o tempo ia passando, começou a ficar incomodada com o que escutava de alguns homens, principalmente na rua, em paralelo, a mesma via diariamente em seu *Facebook* reportagens e reclamações sobre violências contra as mulheres. Ela começou a mudar...

Essa menina era eu. O que antes passava despercebido por mim transformou-se em sensações de desconforto e de revolta. Aos poucos, a desconstrução machista foi dando espaço a uma visão mais feminista sobre o mundo. Não dormi machista e acordei feminista, até hoje lembro o dia em que fiquei perplexa ao ver uma mulher na faculdade sem sutiã. Mudar é perder, ganhar, transfigurar. Hoje considero de extrema importância que haja mulheres que não usem sutiã, afinal, quem sexualizou nossos seios? Em conjunto com essas reflexões, comecei a ler artigos e continuei a perceber diariamente nas minhas redes sociais assuntos sobre as mulheres que sofrem violências constantes.

O meu tempo acadêmico chegou à reta final e eu precisava escolher um assunto para ser a pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso, eu queria falar sobre figurino, mas do jeito que eu havia articulado não era possível, então, fiz a seguinte pergunta: o que eu mais gosto de pesquisar atualmente? A primeira resposta que apareceu foi: feminismo. Porém, não sabia de que maneira falar sobre este tema, qual mulher feminista escolher para ser o conteúdo do meu trabalho, até que surge a idéia: vou convidar algumas pessoas para realizar um espetáculo a partir desta temática, transformando minha pesquisa em um relato de experiência do processo criativo e colaborativo desse espetáculo.

Eu não produzi o espetáculo sozinha, pois jamais conseguiria sem a ajuda dos integrantes do “Tulipa Coletivo de Dança”, sem eles, eu não saberia nem encaixar uma partitura coreográfica na contagem numérica. O meu desejo era de que cada escolha (música, coreografia, cenário, figurino, mensagens, roteiro) que constituísse nossa apresentação fosse decidida pelo coletivo, de forma colaborativa. Foi então que surgiram alguns problemas, como seria possível satisfazer e incluir as

variadas ideias e sugestões de cada um dos bailarinos do coletivo, já que somos tão diferentes uns dos outros. Foi decidido que eu assumisse a direção geral do espetáculo, não me senti confortável com essa decisão do coletivo, mas acatei. Mesmo sendo a diretora, só consegui tomar decisões sem consultar os bailarinos, semanas antes da estréia. Não houve um empoderamento da mulher-diretora, não era o meu momento ainda, não me senti apta e capaz, pois tenho grandes dificuldades em reconhecer as minhas competências, e acho confortável não estar no comando. Escolher é estressante, te julgam e fazem fisionomias intimidadoras, senti muito medo dos participantes do coletivo. Eu queria muito agradar, mas se Beyoncé<sup>3</sup> não agrada a todos... Logo, eu menos. Mas sobrevivemos, mantivemos a amizade e o próprio coletivo, e posso relatar todas as nossas conversas e decisões sem receio ou tristeza. Posso falar da vivência com essas pessoas, do retorno que tivemos dos espectadores, se conseguimos promover a sororidade por nós mulheres e por tantas outras do passado.

Entre algumas das minhas preocupações, a principal era que todos permanecessem amigos, pois quando havia algumas brigas eu ficava muito nervosa, uma vez cheguei a falar que era melhor cancelar o espetáculo, pois, não valia uma amizade. Amadurecemos de fato, como: profissionais, artistas e como seres humanos. Foi um desafio, uma das bailarinas disse que nunca havia dançado uma coreografia que ela não tivesse que sorrir. Ensaíamos antes de ir trabalhar, depois de ir trabalhar, estávamos cansados, nos irritávamos com facilidade.

No mês do espetáculo, conversamos sobre manter a paciência e cuidar a forma de nos expressarmos quando algo não está do nosso gosto, e assim houve uma empatia maior – não plena, mas houve. Este espetáculo foi a nossa primeira produção como “Tulipa Coletivo de Dança”. Trouxe-nos autoestima como grupo de dança. Reconhecemos os erros e as imperfeições, mas ficamos orgulhosos, nos esforçamos e conseguimos um resultado bem positivo. Esse ano, especificamente, houve alguns imprevistos e foi consideravelmente conturbado para a maioria dos integrantes do coletivo, a compaixão que sentimos uns pelos outros falou mais forte e em alguns momentos os ensaios eram parados para um grande intervalo, pois, precisávamos desabafar e aconselhar. Foi um ano de superação.

---

<sup>3</sup> Beyoncé – cantora, compositora e atriz norte-americana.

Pressuponho que se as mulheres passam por situações constrangedoras de assédio quando ainda são crianças, há dentro delas um grito trancado esperando para ser exposto. Este espetáculo foi o meu grito. Eu queria gritar por todas aquelas que não puderam, dedico a elas todo o nosso espetáculo, todos os aplausos que recebemos. Todas as histórias que eu li, cada notícia de violência, a cada “vida inteira que podia ter sido e que não foi” (Manuel Bandeira). Ser artista é um vício, me viciiei em contar histórias, penso no nosso próximo trabalho, faço poemas para exorcizar meus traumas, confirmando o que eu havia citado “Esse ano, especificamente, aconteceu alguns imprevistos e foi consideravelmente conturbado” e como esse ano ainda não acabou, permaneço lidando com o que transcorre. Mas, com a certeza que toda dor pode ser transformada em arte.

### 3 FEMINISTAS: COMO VIVEM? O QUE COMEM? COMO SE REPRODUZEM?

Quando falamos a palavra “feminista” que tipo de pessoa você imagina? Que roupas essa pessoa usa? Como é o seu cabelo? Seu comportamento? Um dos principais problemas do feminismo é o estereótipo. Muitos sentem receio com relação ao feminismo, por causa do arquétipo criado a aquelas que se consideram feministas. Na verdade, não existe uma mulher feminista “padrão”, aliás, não têm um único feminismo, são ramificações, assim como na matemática: há subdivisões do conteúdo, mas todos envolvem um denominador comum, o cálculo, mesmo quem goste de matemática, não é obrigado, necessariamente, a gostar de todos os campos dessa disciplina, e assim é o mesmo com o feminismo, não há uma ficha protocolada de perguntas e respostas onde você preenche e avalia se é ou não feminista, e a intensidade, ou seja, o grau do seu feminismo.

O feminismo que eu acredito que seja o melhor para mim, é aquele onde a mulher é totalmente livre para fazer as suas escolhas, sem nenhum julgamento. Para ser feminista você não tem que odiar os homens, não querer se casar e não querer ter filhos, essa é uma visão arcaica e preconceituosa. Fio-me que a mulher feminista seja alguém que tome decisões por conta própria. Simples assim. Ela pode casar e ter filhos, porque ela optou em casar e ter filhos. Trata-se apenas de um verbo: **escolher**. E não em casar ou ser mãe porque ela “nasceu” para isso, como se fosse parte da natureza feminina o matrimônio e a maternidade.

O feminismo me trouxe a ruptura de tudo que eu atribuía fazer parte da vida de uma mulher: “a obrigação à...” Não, não temos obrigação a nada. Eu sou dona de mim. Porém, ainda agimos como se o corpo da mulher não fosse apenas dela, mas de todos. Compartilho nesta escrita, uma situação que vivenciei uma vez quando fui à minha cabeleireira, em determinados momentos em que apareceram na televisão do salão de beleza algumas artistas femininas, as clientes comentavam o quanto tal artista envelheceu ou engordou. Eu fico desconfortável ao ouvir estes comentários, todos nós envelhecemos, e qual o problema se alguém ganhou peso? Apesar de essas mulheres criticarem outras de uma forma que eu não considero certa, há uma grande reflexão a ser feita para que eu não seja injusta e hipócrita, pois não posso atribuir a essas mulheres uma imagem de “não feministas”. Talvez, elas não pesquisaram e leram o que eu li, não tiveram a oportunidade de debater sobre essas questões e refletirem sobre as suas falas e também do quanto esses discursos são

um produto de um mundo machista que estamos inseridos, e ademais, do capitalismo e da mídia que utilizaram a imagem das mulheres assim como um objeto-atrativo, Oliveira ressalta:

Na cultura de massa houve grande ênfase a visualidade do feminino, posto que a mulher foi predominantemente exibida como uma imagem sedutora e esteve intensamente associada à publicidade. (OLIVEIRA, 2004, p. 2)

Na modernidade em que vivemos, com outros rostos e corpos que diferem do “padrão midiático”, ainda que sejam poucos, os vemos em alguns espaços na internet e na televisão. Mas, há alguns anos atrás não víamos a diversidade que aparecem hoje, então, alguns ainda estão no processo de aceitarem variadas idades e corpos onde só havia oportunidade para aquela que fosse jovem e magra.

Outro ponto a ser considerado, é que eu não tenho como saber os motivos que levam cada pessoa a pensar diferente de mim. Eu levei vários anos para conseguir deixar alguns preconceitos. Frequentar uma universidade, e especialmente o curso que eu fiz (licenciatura em dança), possibilitou que eu desconstruísse alguns conceitos e reformular vários outros.

Conversando com algumas pessoas que não se consideram feministas e que não compreendem muito bem qual o sentido do feminismo, escutei a afirmação que o problema de todos os males sempre será a “falta de respeito”, não sendo necessária uma divisão nomeada. Eu concordo que o problema seja a falta de respeito, mas diante de alguns filósofos e escritores, tais como Spinoza, que atestaram acerca da “irracionalidade feminina” e da nossa “subordinação aos homens”, prefiro dar nome a essa falta de respeito em relação às mulheres de: machismo. É uma categorização para saber exatamente do que se trata, assim, creio que se torne mais fácil a elaboração de melhorias para solucionar esse problema. Talvez, tratar todas as questões como uma “simples” “falta de respeito”, seja negligenciar casos tão graves como: feminicídio, estupro, assédio, violência doméstica, entre outros. Esses fatores, provenientes do patriarcado devem ser analisados como conjunturas de saúde pública, segundo uma pesquisa feita em 2013 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a cada uma hora e meia uma mulher é assassinada pelo seu marido, namorado ou qualquer que seja o

envolvimento. Mas sim, o cerne de todos estes crimes e daqueles considerados menos graves, é a dificuldade em se colocar no lugar do outro. Contudo, essa falta de empatia, não pode ser generalizada como a única causadora de tantos crimes, pode ser o ponto central, mas acredito que fragmentar cada “falta de empatia”, seja uma maneira mais eficiente em combater o problema.

Muitas mulheres usufruem do feminismo, mas não se consideram feministas. Usam calça jeans, vão no bar encontrar suas amigas, se relacionam com quem elas preferem, decidem qual profissão querem seguir, exercem o seu direito de ir e vir, porém, não se identificam como feministas. Eu não preciso entender, mas tenho que respeitar. Cada conquista feminina foi uma grande vitória, entre elas: usar calças; poder escolher a sua profissão; não depender de um marido para poder sair de casa para passear; se relacionar com quem e quantos quiserem; votar. Todos esses direitos (básicos) e tantos outros que podemos realizar, já modificou a mentalidade da nossa sociedade do que seja o “feminino”. Rodrigues (2012, p. 2) escreveu que “O conceito de gênero foi elaborado e sofreu várias reformas no decorrer da história”, portanto, creio que o que era tido como “feminino” décadas atrás, não seja a mesma condição de hoje, por isso, algumas pessoas podem considerar que o conceito de ‘mulher’ nas últimas gerações já esteja fortemente ligado à liberdade e à independência, transformando essas características referentes à nossa liberdade como algo “normal” e talvez, esquecendo o passado de lutas para que hoje elas existam e a usufruamos.

Atrevo-me a enxergar que estas mulheres, agentes de suas vidas e que escolhem sobre si, como feministas, visto que, lembrando a minha citação feita no início deste capítulo, parto do princípio que o feminismo seja em sua preeminente essência: o direito de escolher. A minha intenção não é ofender aquelas que não se reconhecem como feministas e, tampouco parecer que não aceito a vontade de outras pessoas; apenas quero mostrar a minha observação, em razão de que estimo que o feminismo seja algo benevolente, e atribuí-lo às mulheres seja uma forma de apreciá-las.

#### 4 TULIPA COLETIVO DE DANÇA

Como “caímos” nesse coletivo: Eu fazia parte de um grupo, formado por alguns colegas da faculdade de licenciatura em dança. Fizemos duas apresentações e depois de quase um ano, esse círculo de pessoas foi desfeito. Eu e outra amiga queríamos estar em um coletivo de dança e seguir montando coreografias e outras produções. Eu só queria ser mais uma integrante, e deixar a coordenação para esta amiga, que possui espírito de liderança e mais experiência na dança do que eu. Entretanto, essa vontade de participarmos novamente de um grupo de dança, ocorreu bem na época que eu havia decidido que o meu TCC seria o relato de experiência de um espetáculo feminista. Então, eu precisava recrutar bailarinos e bailarinas, assim, convidamos algumas colegas da faculdade e outras que não eram para participarem do coletivo de dança.

As primeiras bailarinas a aceitarem o convite foram: Rafaela Machado, Gabrielle Fraga, Aléxia Chaves, Danielle Cappelletti e a Elen Ceratti. Estávamos em um bar, depois de uma apresentação infantil da escola de dança Ballancet<sup>4</sup>, e expus o meu desejo e o pedido de convocação. Ali, no bar, nasceu nosso coletivo, melhor local impossível para nos representar e ser uma espécie de “Q.G” da nossa “equipe”, muitas vezes depois de ensaios e de um dia de trabalho, nosso ponto de encontro era o bar.

Nosso coletivo de dança é constituído atualmente por seis integrantes, cinco mulheres e um homem. Todos fazem parte ou já fizeram como alunos, do curso de licenciatura em Dança da UFRGS. Conhecemo-nos na faculdade, com exceção do Chico (Francisco Cordeiro), que entrou no coletivo antes de fazer o vestibular para o curso de dança.

Nem sempre fomos apenas seis. Começamos com nove mulheres. Logo após o surgimento de nosso coletivo e iniciado os ensaios, começaram as desistências e os imprevistos. A tia de uma bailarina do nosso grupo desistiu em seguida, pois morava longe e sentiu dificuldade em comparecer aos ensaios. Ficamos entre oito mulheres. Entrou o Chico, que foi meu aluno quando eu estava no estágio obrigatório de docência em dança do ensino médio, voltamos a ser nove pessoas. Ganhamos mais uma bailarina, agora, somos dez membros. Porém, uma integrante

---

<sup>4</sup> Escola de dança dirigida por Rafaela Machado.



quebra a tíbia e teve que parar totalmente a sua rotina, inclusive passou por tratamento cirúrgico e sessões de fisioterapia. Voltamos a nos constituirmos em nove. Depois, outra também desiste por não querer se comprometer com um espetáculo por estar com problemas pessoais. Então, somos oito. Após poucos meses, outra bailarina sente o peso de trabalhar e estudar, infelizmente sai do coletivo, porque seu trabalho começou a ser no mesmo horário do ensaio. Seguimos até início de agosto sendo sete, até que uma bailarina engravida e teve que desistir de ensaiar por orientação médica. Resultado: seis integrantes.

#### 4.1 DA BEBIDA SE FEZ TULIPA

Nem sempre o nome do coletivo foi “Tulipa”, começamos sendo “Depois do Cigarro”, devido ao fato de três integrantes do coletivo fumar, e sempre que precisávamos fazer qualquer atividade (ensaiar, retornar do intervalo, ir embora) uma fumante dizia: “depois do cigarro...”. Então, passado algum tempo, quando eu escutei novamente essa frase eu disse: “gurias, tudo para vocês é depois do cigarro, nós temos que fazer uma coreografia com o nome “Depois do cigarro”.” E uma bailarina sugeriu que o nome do nosso coletivo fosse “Depois do cigarro”.

Por algum período este nome pareceu legal e adequado, mas, quando tivemos que nos inscrever em uma mostra de dança, surgiu o questionamento se era um nome realmente “adequado”. Tendo em vista que podemos colocar o nome do coletivo em nossos currículos e, não sermos levadas a sério ou mal interpretadas pelo nome que escolhemos. Também, trabalhamos com o público infantil, damos aulas de dança para crianças em determinados lugares e, como convidaríamos os responsáveis por nossos alunos a assistirem a alguma produção de um coletivo chamado “Depois do cigarro”. Para esta mostra de dança decidimos de última hora que o nome do nosso grupo passaria a ser “Indeciso Coletivo de Dança”. Porém, este nome serviu mais como um “quebra galho”, pois não ficamos satisfeitas. Após alguns questionamentos e descontentamentos em sermos “Indeciso Coletivo de Dança”, tentamos decidir outro nome que agradasse a todas. Na mesa do bar surgiram várias siglas e pessoas que consideramos importantes, mas, nada. Não conseguimos chegar a nenhuma sentença.

Perto do mês que era a estreia do espetáculo, começamos a nos preocuparmos um pouco mais com a falta de um nome para o coletivo. Acredito que

eu era a mais apreensiva. Então, depois de um ensaio, eu conversei com outra bailarina e falei que precisávamos criar um nome e fazermos a divulgação com um evento em rede social na internet para convidarmos nossos amigos e conhecidos. Nessa conversa, também reclamei que ninguém estava preocupada com essas questões. Portanto, logo que saí do meu trabalho, fui até a casa dessa amiga para criarmos a parte da divulgação. Colocamos no nosso grupo do *WhatsApp* uma votação entre: continuarmos como “Indeciso Coletivo de Dança” ou “Tulipa Coletivo de Dança”. Também deixamos em aberto para que sugerissem outros nomes, mas ninguém sugeriu nada e a maioria optou pelo segundo nome. Foi feita a página do coletivo no *Facebook* e o evento. No mesmo dia, fomos encontrar o restante das integrantes para ensaiar, chegando ao local de ensaio, não ensaiamos, apenas discutimos, pois, algumas bailarinas estavam enfurecidas por não terem aprovado as fotos (fizemos um ensaio fotográfico do coletivo uma semana antes no Parque Redenção, com o fotógrafo Ulrich Tambor) que foram publicadas no evento e na página do coletivo. Por mais que não tivéssemos tempo hábil para sentarmos todas e decidirmos em conjunto as fotos que seriam utilizadas, foi indagado sobre sermos um coletivo e decidirmos tudo comumente. Inclusive, a foto de capa do evento e da página do coletivo.

O problema maior era, que na noite anterior de tudo isso acontecer, uma bailarina falou comigo pelo *WhatsApp* dizendo que naquela semana gostaria de me encontrar para fazer a divulgação do espetáculo e que estava com muitas idéias. Eu achei maravilhoso e respondi que sim. Mas, eu estava bêbada. No outro dia, esqueci totalmente que eu havia marcado com essa outra amiga de produzirmos a divulgação do espetáculo, ensaiamos pela manhã e desenrolou até o momento dessa discussão a noite. Desculpei-me pelo meu erro e foi decidido que as fotos seriam apagadas do evento e da página do coletivo e que seria feita uma votação para decidirmos quais fotos seriam expostas. Também ficou decidido que o nome “Tulipa Coletivo de Dança” era apenas para o espetáculo “A culpa não é da moça”, pois, já estava feita a divulgação nas redes sociais com esse nome. E depois de apresentado, veríamos se continuaríamos como Tulipa ou se trocaríamos, tendo em vista que, todas queriam formalizar um pouco mais as decisões a respeito do coletivo, sendo que este último título foi decidido via *WhatsApp*. Passado mais de um mês do espetáculo, afirmo que esse nome do coletivo já ganhou o agrado de

forma unânime, ninguém expressa insatisfação e espero que não haja necessidade de alterar novamente.

#### 4.2 POR QUE TULIPA?

A minha flor preferida é a tulipa. E quando penso na palavra “mulher” me vem, entre tantas imagens e simbologias, as flores. Não que eu goste de classificar como “isso é de homem e isso de mulher”. As flores também podem ser atribuídas aos homens, mas, abstratamente o feminismo me remete a desenhos de mulheres com o cabelo feito por flores, como se elas renascessem, florescessem para uma nova vida. Também, muitas representações do feminino são feitas com flores, devido ao fato da vagina ter um formato semelhante ao de algumas flores.

Ademais, quando fiz os slides no Power Point da minha defesa de TCC I, coloquei em cada um a imagem de uma tulipa. Escolhi tulipas negras, pois, os coloridos das flores me remetem a sentimentos de alegria, e o conteúdo do nosso espetáculo não é alegre, pelo contrário, há dor, raiva, tristeza, revolta. Até a cena final não é feliz, não terminamos empoderadas. Portanto, há a delicadeza da flor, mas também o sofrimento, o luto por todas as mulheres que não tiveram um final feliz.

#### 4.3 AMIGAS x COLEGAS

Nem todas eram amigas antes do coletivo, mas nos tornamos. Eu não tinha experiência em produção de espetáculo e muito menos na direção, então, não consegui conduzir com astúcia e tampouco com convicção. Talvez, o fato de termos composto uma amizade, tenha dificultado a minha autoconfiança, deixando que as integrantes do coletivo tomassem a maioria das decisões, embora seja esse o objetivo do espetáculo, um processo colaborativo. Eu ficava intimidada quando alguém demonstrava não ter gostado de algo, seja coreograficamente, musicalmente ou na escolha de alguma cena. Aprendi nessa experiência que tenho mais medo do julgamento das outras pessoas do que eu pensava, pois, para uma coreógrafa e diretora iniciante, torna-se desestimulador quando ficavam evidentes alguns descontentamentos por parte das bailarinas, mas eu não podia transparecer. Todavia, senti que o “jogo virou” quando algumas bailarinas também foram

coreógrafas, duas montaram coreografias para o grupo, e “vestiram os meus sapatos”, aguentaram críticas e sentiram exatamente as mesmas dificuldades que eu.

Em vários momentos, quando elas me avisavam que havia erros no espetáculo, principalmente coreográficos, eu não sabia resolvê-los, pois preciso de tempo, silêncio e estar sozinha para conseguir me concentrar e testar soluções. Porém, não era possível ficar sozinha e criar uma nova sequência, as integrantes estavam ali me olhando, esperando o meu comando e eu presa em um universo paralelo como se estivesse “bloqueada”. Com o tempo, todas entenderam as minhas dificuldades e a cada falha davam sugestões, e a partir dessas sugestões eu decidia a que mais me agradava, elas não esperavam mais eu ficar pensando em alguma alternativa.

Outra experiência que passei com essas bailarinas, foi de presenciar brigas e ofensas e depois da discussão ficar “tudo bem”. Eu não brigo com as minhas amigas que me acompanham há anos, então, era extremamente caótico ver pessoas que se amam com raiva umas das outras, mas depois de algumas confusões elas me explicaram que era normal e que os atritos não enfraqueciam a amizade. Até hoje todas continuam vivas e se amando.

#### 4.4 AS RODAS DE CONVERSA

Um espetáculo não pode ser construído apenas com encontros para ensaios coreográficos, ainda mais um que possua uma temática tão forte e impactante, temos que debater sobre esse assunto, vivenciar e emergir. Promover uma comunhão entre as bailarinas e o espetáculo em si. Então, no início do ano, fizemos rodas de conversa sobre o feminismo. Ao todo, foram seis rodas de conversa que aconteciam depois de termos a preparação física, e após, o ensaio das coreografias. Sugeri que a cada semana, uma integrante ficaria responsável por conduzir a roda de conversa, ou seja, prover o material, reportagem, imagem, enfim, o que queira trazer para ser discutido. Assim, não ficaria apenas eu mediando à conversa, e considero mais divertido quando há uma diversidade, sendo que cada uma vá mostrar um assunto do seu jeito e o que julgue interessante. A primeira roda de conversa aconteceu na metade do mês de março, eu que a dirigi, levei alguns livros e textos que tirei das redes sociais.

#### 4.4.1 A 1ª conversa: três em sete

Nesta primeira conversa li o texto de uma revista chamada *HousekeepingMonthly* de 1955 que dava dezoito dicas de como ser uma “boa esposa”. É degradante a maneira que reduziram as mulheres, parece que não somos humanas, mas apenas um utensílio da casa, e com uma finalidade bem explícita: viver para agradar o marido. Ele é o dono da casa e de tudo que está dentro dela, incluindo obviamente, a esposa.

Apesar de esse texto mostrar a mulher de forma humilhante, uma bailarina questionou que quando nós gostamos de alguém, fazemos de bom grado alguns itens que estão descritos na revista. Depois de debatermos sobre, falei que é diferente querer fazer algo para agradar por escolha do que por acreditar que você nasceu para isso, como se fosse sua obrigação. Trata-se do que defendo desde o início, o direito de escolher.

Também, falamos das cantadas que escutamos na rua, e surgiram dois relatos de tentativa de estupro de duas integrantes do coletivo, estávamos entre sete meninas, duas quase foram estupradas. Sete meninas, dois casos. Na verdade, não são dois casos, são três. Eu também escapei, mas não falei, não estava pronta para compartilhar a minha experiência. Então, sete meninas, três escaparam de estupro. Não é um número alto? Será que ainda temos que questionar a importância do feminismo? Segundo o levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a cada onze minutos uma pessoa é estuprada no Brasil. E apenas 10% dos casos chegam ao conhecimento da polícia. Diante desses dados extremamente impactantes, até por não representarem a realidade que é ainda pior, reafirmo que o machismo é uma questão de saúde pública. O processo de denunciar o agressor é intimidador para a vítima, o que contribui para que não haja uma estatística mais fidedigna.

Nesta conversa houve o verdadeiro sentido da troca. Trocamos opiniões e, alteramos alguns conceitos em nós mesmos. Trocamos sentimentos e possíveis traumas. Dialogar (e às vezes, até sozinho) já faz que enxerguemos em outros ângulos. Analisar as variadas “verdades” que possam existir. Havia meninas que não se sentiam à vontade com o tema sobre o feminismo, e não se consideravam

(ou ainda não se identificam) feministas. Mas, acredito que nessa primeira conversa, uma semente tenha sido plantada.

#### **4.4.2 A 2ª conversa: não interessa o que você faça. Será julgada**

A bailarina que conduziu essa conversa foi a Sabine que, trouxe um texto em que havia a frase “não interessa o que você faça. Será julgada”. Fiz algumas reflexões com esse texto, e pensei em duas perguntas: As mulheres são mais julgadas que os homens? A vida de uma mulher é mais instigante do que a vida de um homem?

Por milênios, a maioria das mulheres pertencera aos homens. Não eram donas de suas vidas. Em nós, foi construído (pelos homens) um padrão de corpo e de comportamento. Ainda estamos nessa transição de nos pertencermos, e aos homens, de aceitarem. Se eu me governo, eu incomodo. Eu quebro; pulo; burlo; desvio e “viro de costas” para o que sempre foi, mas agora... Eu posso dizer “Não sou obrigada!”. Romper com costumes e com uma construção cultural é corroborável para o surgimento de uma revolta. Portanto, muitos homens e inclusive mulheres, não entendem que as mudanças que o feminismo busca, são essenciais para garantir a felicidade, a segurança e a própria vida das mulheres.

Nesse dia, percebi que a roda de conversa também serve para formar outro elemento importante: a afinidade. Além de ser através da conversa que haja a troca de ideias e opiniões, cria-se um elo, um carinho. Segundo Trópia, et al., “Não existe relação social sem emoção” (TRÓPIA, 2016, p. 58). Sendo assim, a nossa convivência dentro do coletivo, nos aproximou não só fisicamente, mas emocionalmente. Não significa que concordamos mais com as variadas visões que cada um possui, entretanto, a generosidade em aceitar, e tentar entender o outro havia aumentado. É como se estivéssemos ligados por um fio invisível, que só eu vejo. Mas que de certo modo, me deixa feliz e animada por sentir que formamos, sem ser intencional, essa ligação.

#### **4.4.3 A 3ª conversa: substituídas**

Essa conversa foi conduzida pela Rafaela, que havia lido o livro “Holocausto Brasileiro” da Daniela Arbex (2013), o levei na primeira roda de conversa. Esse livro

conta histórias de pessoas que foram internadas à força, sem diagnóstico de doença mental, no maior hospício de Minas Gerais. Entre essas pessoas, estavam: prostitutas, lésbicas, grávidas, moças que perderam a virgindade antes do casamento, mulheres vítimas de violência sexual, esposas confinadas pelos maridos, entre outros casos.

Antigamente, era muito fácil “descartar” uma mulher, bastava interná-la em alguma clínica ou hospício, sob qualquer justificativa. Muitas tiveram suas vidas interrompidas, pois, não era aceitável pela sociedade haver uma mãe solteira, portanto, o hospício acabava sendo o destino infeliz de muitas mães que não tiveram nem o direito de ficar com os seus filhos. Partindo do preceito que os homens controlavam a vida das mulheres, quando abandonadas nesses lugares, elas não tinham nenhuma justiça, nenhuma forma de reivindicarem a sua liberdade.

Um fato que considero relevante em ser associado a essa questão de descartar uma mulher, seria também, o de substituí-la. Há um grande incentivo para que os homens se relacionem com mulheres mais novas. Culturalmente, achamos “normal” que os homens tenham mais idade do que suas namoradas ou esposas. Quando acontece o inverso, a mulher ser mais velha que o homem, algumas pessoas enxergam esse relacionamento com certo estranhamento. Com o tempo, a sociedade está aceitando diferentes tipos de envolvimento, e a diferença de idade, também. Todavia, geralmente a mídia mostra casais, quando são heterossexuais, que a mulher ainda aparenta ser um pouco mais jovem que o homem. Existe um programa de televisão chamado “À primeira vista”, onde pessoas que buscam um relacionamento se encontram pela primeira vez para jantarem juntas e depois decidirem se terá um segundo encontro. Assisti a dois episódios desse programa, e em todos os encontros que a equipe havia combinado, os homens tinham mais idade que as mulheres, e todos os encontros eram entre pessoas do sexo oposto. A diferença de idade entre alguns homens das mulheres chegavam, até treze anos, tinha um homem de trinta e sete anos com uma mulher de vinte e quatro, também, havia uma mulher de dezenove anos em um encontro com um homem de trinta. Gostaria de deixar iluminado, que eu não acho errado homens mais velhos se envolverem com mulheres mais novas, apenas faço o atento que em todos os encontros promovidos nesse programa, havia uma diferença de idade e, as mulheres sempre eram mais novas, não havia o contrário, uma mulher com mais idade que o homem.

Todas essas questões nos mostram que, é diferente envelhecer de acordo com o gênero. Um homem com o cabelo grisalho, às vezes é atribuído uma imagem de charme, sabedoria e experiência. Porém, uma mulher com alguns fios brancos, possivelmente seja um sinal de desleixo, reforçando a ideia de que a mulher tenha que permanecer sempre com uma aparência jovial, preocupada com a beleza, caso contrário, ela pode ser substituída por outra, com menos idade.

#### **4.4.4 A 4ª conversa: mulher bêbada é muito feio**

Neste dia, a Gabrielle nos mostrou um vídeo que circulou pelas redes sociais e repercutiu bastante naquela semana. Trata-se da entrevista da Antonia Fontenelle com o Caio Castro. Nessa entrevista, Antonia insinua que acha “mais feio” uma mulher bêbada do que um homem. Discutimos muito a respeito desse discurso e depois de várias divergências, chegamos a alguns acordos.

A mulher é um ser humano preparada para ser delicada, recatada, tímida. Quando fugimos desses estereótipos acontecem refutações. Peço-lhe, que me permita sair de uma “esfera formal” e a lhe convidar para um exercício de imaginação, digamos, inusitado: Pense em um homem num ambiente público, de repente, ele “arrota”, algumas pessoas, talvez, o repreenderão ou rirão. Agora, imagine que ao invés de um homem, seja uma mulher na mesma situação. Não causará mais espanto?

Por que há um pudor maior para as mulheres? Principalmente nas necessidades fisiológicas, sejam elas quais for, incluindo, o desejo sexual (não há um consenso entre os especialistas em atribuir o sexo a uma necessidade fisiológica, mas, compartilho da hipótese que sim). Sempre foi ensinado para reprimirmos nossos desejos, tanto, que se atribuiu a lenda de que homens sentem mais “vontade” de ter relações sexuais do que as mulheres, tornando-se até uma desculpa para a traição.

Também conversamos sobre as histórias infantis, nos contos de fadas antigos, especialmente as princesas, onde existe o retrato da mulher “perfeita”. Delicada, indefesa, inocente, fraca. Na qual seu cruel destino é salvo por um príncipe. A mulher não se salva, não luta, não vence, ela fica à sorte ou ao azar de que um homem a encontre, ou não. Faço uma comparação com as princesas e as musas exaltadas pelos seus escritores, Trópia et al. Afirma:



(...) A mulher aparece nos livros de história como importantes personagens de ficção, mas, na vida real, eram quase sempre trancafiadas nos quartos e aprisionadas em casamentos forçados. (...) “Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante” (JERRY, 2004, p. 56). Desnecessário dizer que, naquele momento, elas eram as musas inspiradoras dos grandes escritores, mas apenas enquanto estivessem submissas e obedientes. (TRÓPIA, 2016, p. 175, 176)

Em muitas histórias, a princesa está inconsciente, mas mesmo assim, é beijada. Depois de quebrado o feitiço com o beijo de amor, eles imediatamente se casam. Ela não questiona, não duvida do caráter do príncipe, não se importa em não ser levada para comer uma pizza ou sushi, ela quer casar, pois, foi amor à primeira vista. Segundo Meyer (2004) em muitos enredos da Disney, as mulheres ficam em um papel de recatamento, e aquelas que se opõe, torna-se explícito que é um personagem diferente do “normal”, pois, “Só as bem quietinhas vão casar”, frase proeminente do filme “A pequena sereia<sup>5</sup>”, onde a vilã da história explica a Ariel que os homens preferem as mulheres mais retraídas, a autora mostra em seu livro um trecho da música em que Úrsula canta:

O homem abomina tagarelas, garota caladinha ele adora, se a mulher fica falando o dia inteiro, fofocando, o homem se zanga, diz adeus e vai embora. Não vá querer jogar conversa fora que os homens fazem tudo pra evitar. Sabe quem é mais querida? É a garota retraída e só as bem quietinhas vão casar (...). (MEYER, 2004, p. 103)

Pensemos: Qual o impacto que essas mensagens podem ter no mundo? Eu, por exemplo, cresci achando que qualquer um que cruzasse o meu caminho poderia ser o meu príncipe, mesmo aquele que não tenha me enxergado como uma simples humana, merecedora de respeito e de dignidade. E que certamente existe um príncipe para cada menina. Até que eu percebi que mesmo em um encontro comendo a pizza e o sushi, não era um príncipe. Também, que não sei se meus sentimentos duram anos em um casamento. Apesar de eu não concordar com

---

<sup>5</sup> Filme de John Musker, 1989, produzido pela Walt Disney Animation Studios e distribuído pela Walt Disney Pictures.

alguns contos de fadas, sei que pelo menos, agora existem mais filmes e desenhos em que a menina/mulher não espera por ninguém, ela traça o seu destino, e fico muito aliviada em saber que se eu tiver filhos, eles poderão assistir a produções infantis com mais igualdade de gêneros.

#### **4.4.5 A 5ª conversa: extremismos**

Eu trouxe o tema da penúltima roda de conversa, alguns integrantes que seriam os responsáveis em guiar e trazer o conteúdo acabaram tendo imprevistos e também, não estavam totalmente comprometidos com a temática, portanto, preferi assumir essa conversa. Para esse dia, levei algumas reportagens que, a meu ver, tiram a credibilidade do feminismo.

Eram acontecimentos sobre mulheres, que protestavam a favor do aborto e entre outros assuntos, mas de uma forma que eu não acho correta (e ninguém do nosso coletivo de dança) com ofensas e atos bastante vergonhosos contra a religião católica, principalmente. Não quero entrar no mérito em ser contra ou a favor do aborto, pois, no nosso espetáculo não tocamos em alguns assuntos, até por escolhermos mostrá-lo como um “início ao feminismo”, ou seja, questões puramente básicas, e o aborto é um assunto delicado e, para transformá-lo em arte, teríamos que dedicar muito tempo para conversarmos e articularmos essa cena/coreografia. Também, ressalto que pela terceira vez atesto sobre tratar um problema como um caso de saúde pública, o aborto interrompe a vida não apenas do feto, mas em muitos casos da própria mulher.

Trata-se de **como** protestar, dependendo do que se é falado ou feito, pode-se perder a fiabilidade, ainda mais o feminismo, que é um movimento que em muitas vezes é mal interpretado por ser generalizado. Como eu havia comentado no primeiro capítulo, não existe um feminismo “padrão”, as pessoas são livres para escolherem acreditar e defender o que mais julgam ser adequado para suas vidas. Para ser feminista você não precisa ser a favor do aborto, e nem todas as pessoas que são a favor do aborto se consideram feministas. Não há uma regra. Acredito que posicionamentos verbalizados, e de forma respeitosa, deveriam ser a forma mais utilizada de protesto, sendo que o próprio dom da fala traz a qualidade da informação e, através dela, pode-se mudar de opinião ou potencializar a que já temos.

Para essa conversa, pesquisei no *Facebook* alguns grupos feministas, achei alguns repletos de poesia e empoderamento, e outro especificamente que me deixou na dúvida se eram pessoas feministas administrando-o ou antifeministas passando-se por adeptas ao movimento, mas querendo “sujar” a imagem do feminismo, pois havia muitos absurdos publicados e notícias sem nexos, também, não considero que essa página no *Facebook* pertença ao “femismo”, movimento inverso ao machismo que acredita na superioridade do gênero feminino sobre o masculino. Não julgo benéfico e coerente combater uma opressão com outra, o femismo não representa o feminismo, podem possuir semelhanças, porém, devemos ter o cuidado para classificá-los com as suas significativas singularidades. Um movimento apenas busca igualdade, o outro a supremacia. Portanto, temos que saber o que de fato acreditamos, para que possamos expressar a mensagem que realmente queremos para o público.

#### **4.4.6 A 6ª conversa: as revelações**

Com o tempo, criamos laços afetivos e sentimos mais confiança uns nos outros, além do carinho, também formamos uma amizade. Então, contamos nossos segredos e acontecimentos das nossas vidas... Inclusive, aqueles segredos que pessoas muito mais próximas a nós não sabem, mas, os integrantes do coletivo sim. Unimo-nos por acaso, por uma ideia e um convite feito, e neste dia compartilhamos mágoas que ficaram guardadas por anos. Infelizmente as rodas de conversa tiveram que ceder o espaço do nosso tempo para focarmos nos ensaios coreográficos, e sinto falta de sentarmos e debatermos, visto que através das opiniões controversas eu refletia e enraizava mais as minhas convicções, e também mudava meu ponto de vista, tornando-me uma pessoa mais justa e coerente com o que defendo. Como já citei, não dormi machista e acordei feminista, ainda tenho um longo caminho de desconstrução e construção. Parece-me, que quando dividimos e compartilhamos o nosso tempo com outras pessoas, seja quase impossível não conversar sobre assuntos mais íntimos, Guaragna também passou por essa situação com seus bailarinos:

Em outros ensaios, compartilhamos aflições, medos e traumas pessoais. Se nos fortalecemos enquanto coletivo por um lado, por outro o projeto se enfraqueceu. O roteiro de

Pratos Descartáveis perdeu o foco e deu lugar a vivência que ali existia e estava latente. (GURAGNA, 2016, p. 19)

As rodas de conversa, sinceramente, foram mais potentes como “formadoras de laços afetivos” do que na própria construção do espetáculo, pois, não surgiu nenhuma cena, música ou qualquer ideia, a partir desses momentos de puramente: fala e escuta. Contudo, considero de extrema magnitude que, tais laços fossem edificados, dessa forma, acredito que tenha ficado mais difícil que houvesse desistências no grupo. Mesmo cansadas, elas permaneceram até o final, gastaram tempo e dinheiro para se deslocarem dos ensaios aos seus serviços e às suas casas. Essa perseverança eu atribuo à amizade que surgiu com a convivência e as conversas.

## 5 ELEMENTOS QUE COMPUSERAM O ESPETÁCULO: IMPOSSÍVEL SEPARÁ-LOS

Nosso espetáculo foi pensado para ser apresentado ao público com uma mensagem bem objetiva, pois a maioria dos espectadores seria a nossa família e amigos e alguns poderiam não estar acostumados a assistirem a espetáculos de dança, ainda mais com temáticas adultas e reflexivas. Por isso, deixamos a parte subjetiva para as coreografias, sendo que, movimentar-se é algo naturalmente relativo. A maioria das coreografias foi composta com estilos de dança misturados, por termos a vivência em mais de um tipo de dança, quando coreografamos, gostamos de hibridizar ou mesclar um fragmento de um estilo em um com outro. Contudo, em algumas coreografias, a inspiração foi o próprio significado da letra da música, como se fosse um “dance a letra<sup>6</sup>” em certos momentos. Optamos por repetir certos movimentos em mais de uma coreografia, tornando aquele gesto parte de nossa identidade como coletivo de dança. Para contribuir em haver um melhor entendimento da mensagem a ser passada, preferi utilizar apenas músicas brasileiras, temos lindas canções e grandes poetas, há uma nova geração de músicos fortemente engajados com questões feministas e sociais, além daquelas que falam sobre o amor de um jeito inovador, mas sem perder a poesia.

Outro fator determinante em nosso espetáculo foi a minha necessidade de falar sobre o feminismo de uma forma não complexa e que não causasse alguma polêmica, tratamos de questões básicas, como se fosse o “bê-á-bá do feminismo”, assim, decidimos que a maioria das coreografias seria introduzida por áudios gravados pelas bailarinas com textos que contextualizassem a próxima cena. Foi escolha do grupo que houvesse apenas vozes femininas nos áudios que antecedem cada parte da nossa apresentação.

Para que eu consiga explicar de uma forma que não seja absurdamente cansativa as escolhas que envolvam: áudios, trilha sonora, coreografias, figurinos e cenários, eu relatarei o que considero ser indispensável para haver um entendimento das propostas que regem o espetáculo. Ademais, falarei de forma

---

<sup>6</sup> Macarenando Dance Conpect é um grupo de dança que explora diferentes possibilidades artísticas para o movimento. Direção: Diego Mac.

mais aprofundada apenas das coreografias que eu compus, sendo que cada coreógrafo sabe os recursos utilizados e as inspirações que constituíram a dança.

Decidi que o nosso penteado seria tranças no estilo “boxeadora”, para passar ares de força, poder, energia e ímpeto. E para contrastar, preso em nossas tranças temos pequenas e delicadas flores vermelhas. Eu gostaria que cada bailarina tivesse uma cor diferente de flor, mas não encontrei flores pequenas nas cores que eu queria, havia apenas brancas, rosas e vermelhas, branco eu considero uma cor sem graça e sem potência, rosa é delicada demais para um espetáculo forte como o nosso, então, a melhor opção tornou-se a vermelha.

Não tínhamos dinheiro para arcar com um figurino para cada cena ou coreografia, a melhor solução encontrada foi usar apenas uma peça de roupa em cada cena ou dança que expressasse a mensagem que queríamos. Decidimos que usaríamos na maior parte do tempo um collant preto e um short preto como elementos básicos, na qualidade de uma “tela em branco para a tinta ser o fundamental da obra”, assim, essa peça de roupa daria todo o significado e contextualizaria a informação que desejamos.

Apresentamo-nos no Teatro Cia de Artes no bairro Centro Histórico de Porto Alegre, este palco tem formato de “L”, não sendo tradicional, então, para preencher esse espaço que fica à direita, tivemos a solução de fazer um recanto de uma casa, com: mesa, cadeira e abajur. Na beirada do palco, espalhei pequenas flores na cor verde claro, unicamente para enfeitar e suavizar o ambiente rústico deste teatro.

Decididos o cenário e os figurinos, e como ligaríamos uma cena na outra para haver um melhor entendimento de cada mensagem a ser passada, podemos dar o segundo sinal que o espetáculo vai começar...

**5.1 Meninhas / doutrinação feminina:** O primeiro áudio gravado, foi feito com a voz da Aléxia, é um poema que retirei do *Facebook*, em uma página virtual chamada “*Moça, você é mais poesia que mulher*”, esse poema resume todo o espetáculo, explica o que é tornar-se mulher, mostra o quanto pode ser invasivo e cruel a doutrinação feminina quando somos apenas crianças. Na cena, a Danielle e a Aléxia são crianças que querem brincar, mas a mãe (que sou eu) que está bordando uma toalha sentada na parte do cenário que se configura uma casa – levanta, e as ensina como meninas devem se portar. O acessório principal que elas vestem é saias de tule.

*Eu não nasci mulher  
Não nasci depilada, controlada, comedida  
De sapatos altos ou de orelha furadas  
Sexualizada  
Eu não nasci estuprada  
Eu não escolhi  
O fogãozinho cor-de-rosa  
O vestidinho cor-de-rosa  
Todos os inhos e todos os rosas (...)  
Só me disseram que eu era  
Menina  
Mocinha  
Princesa  
Psiu! Psssssiu! Piranha!  
E devia agir como tal.  
Eu não nasci assustada,  
Me ensinaram.  
Eu não nasci desejando ser pequena  
Eu não nasci almejando a delicadeza (...).*

Gaju Ramires

(Trecho do poema que inicia o espetáculo)

A música que toca nessa cena é a “Valsa para uma menininha” de Toquinho e Vinicius de Moraes, eu saio do palco e elas dançam o restante da melodia com uma sequência contemporânea que elas criaram.

Ilustração 1 - Menininhas



Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

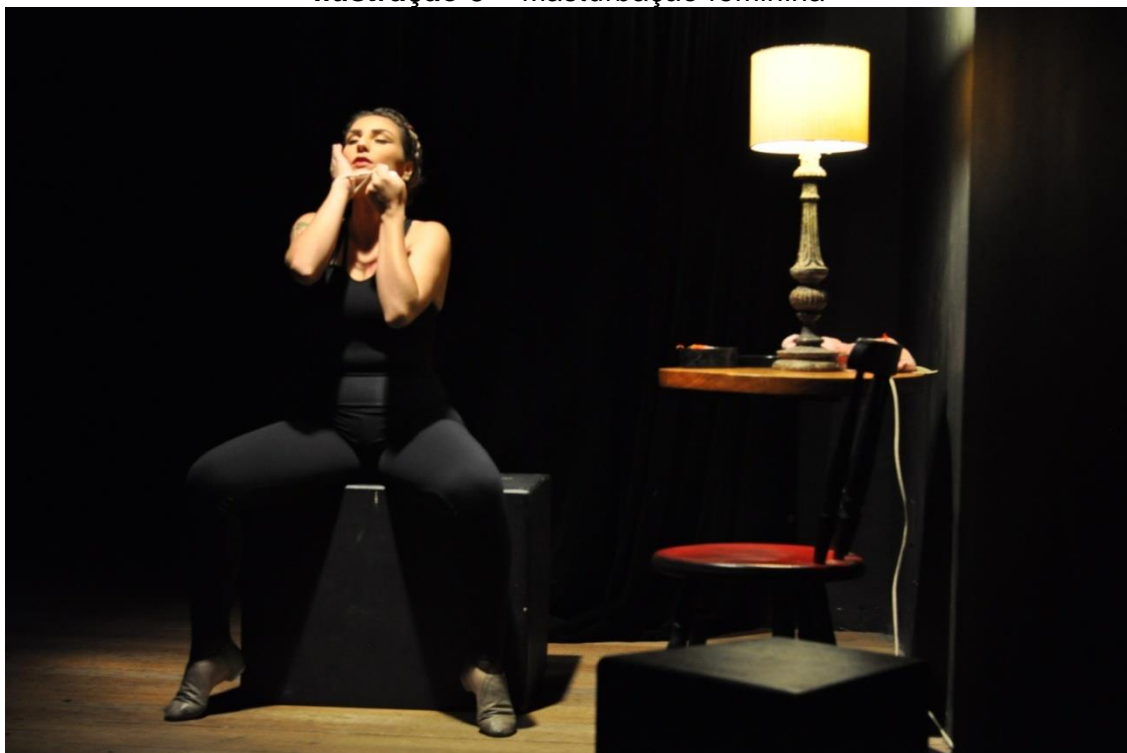
**5.2 Rede de opressão:** Em certo ponto, iniciamos um jazz em trio coreografado pela Rafaela com a melodia que sugeri de Oswaldo Montenegro chamada “Sim”; a escolhemos porque queríamos um solo de violoncelo tocado por uma mulher e essa música atendeu esses requisitos. Na era Vitoriana no século XIX, marcado pelo recatamento e submissão feminina, não era permitido às mulheres em nenhuma circunstância que ficassem com as pernas abertas, por isso, alguns instrumentos musicais não eram permitidos, incluindo o violoncelo; às mulheres foi atribuído o piano, no qual sua postura ficava ereta e suas pernas unidas. Enquanto dançamos, surgem no palco homens carregando elásticos, que nos cercam e formam uma espécie de “teia”, e começamos a escutar a gravação que nossos amigos e conhecidos gravaram com algumas “cantadas” que as mulheres costumam ouvir na rua. Nesse momento, o espetáculo adquire uma atmosfera caótica e tensa, são várias vozes dizendo frases ofensivas enquanto nos debatemos nessa teia querendo escapar, porém, não conseguimos. Usamos nosso figurino básico, collant e short preto para destacar o branco dos elásticos.



**Ilustração 2 – Rede de Opressão**

Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

**5.3 Masturbação feminina:** Depois dessa cena, faço um solo com a música “Liberdade x Segurança” da cantora Blubell, que traz reflexões do que seria liberdade e segurança para as mulheres, já que muito nos é privado, e em contrapartida do quanto temos que zelar pela nossa segurança. Nessa coreografia quis tratar de outro tipo de liberdade e segurança que é tido como um tabu: a masturbação feminina. Determinei que essa composição fosse um improviso e, para melhor aproveitar o cenário, escolhi ficar sentada na cadeira que constituía a casa à direita do palco, aproveitando o sentido de que o lar nos dá um ambiente mais intimista e de privacidade. Continuei com as mesmas roupas básicas. Escolhi três tarefas para me guiarem no decorrer da performance: 1) uma mão ficaria presa em um pedaço de elástico e a outra guiaria, 2) toda vez que a minha mão tocasse minha parte íntima, a outra a tiraria imediatamente puxando o elástico, 3) eu ia alternar entre o desejo e a vergonha, o constrangimento.

**Ilustração 3 – Masturbação feminina**

Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

**5.4 A culpa não é da moça:** Assim que saio do palco, ele permanece vazio, pois agora escutamos o áudio principal do espetáculo, onde eu relato sobre as minhas dúvidas e angústias referentes à apresentação, os motivos que me levaram a querer montar uma peça de dança feminista e justifico a necessidade de estarmos ali passando aquela mensagem. Não falei de estatísticas e de nenhum caso que eu tenha visto na internet ou lido em livros ou artigos, citei apenas o que eu vivi, e a violência que minha amiga sofreu do ex-namorado. Esse áudio introduzia a música de autoria da banda Carmelita que deu nome ao espetáculo, “A culpa não é da moça”. A coreografia foi elaborada pela Rafaela, é uma mistura de jazz com contemporâneo, e essa composição ensina que independente da roupa e de qualquer outro fator, a culpa não é da vítima. O figurino escolhido foi o collant e o short, o elemento principal era uma meia calça arrastão, e um tecido bordô amarrado em nosso corpo da maneira que cada um preferisse (o Chico também dançou), dando a alusão que cada mulher é diferente e ao mesmo tempo é igual, principalmente na dor. A canção foi inspirada no caso do estupro coletivo que aconteceu no Rio de Janeiro no dia 20 de maio de 2016, tendo repercussão internacional pela informação inicial de que uma jovem teria sido abusada por mais

de trinta homens - o que mais tarde constatou-se que se tratava de uma expressão de uma música de funk. Porém, quando a adolescente acordou no dia seguinte, estava rodeada por mais de trinta homens armados, ela estava inconsciente e gravaram um vídeo em que ela aparece nua. Foram sete indiciados pelo envolvimento no caso, mas apenas três foram denunciados à Justiça pelo Ministério Público.

**Ilustração 4 – A Culpa Não é da Moça**



Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

**5.5 Relacionamento abusivo / abuso sutil:** Consequente, escuta-se a voz da Gabrielle, falando sobre relacionamento abusivo, às vezes, esse abuso é sutil, demoramos a percebê-lo, bem como ela afirma “essa coisa de amor nos cega” (FRAGA, 2017). Assim como explica Trópia et al. (2016, p. 50) “a violência nem sempre é visível, é o caso das violências psicológicas, em que os hematomas estão na alma, invisíveis e difíceis de quantificar”.

Para esse tema, foi escolhida a canção “Amor marginal<sup>7</sup>” de Johnny Hooker, que de uma letra mais poética começa cantando:

---

<sup>7</sup> Canção do álbum: “eu vou fazer uma macumba pra te amarrar, maldito!”. Ano: 2015.

*Minha flor*  
*Não me machuques*  
*Minha dor*  
*Não me abuses assim*  
*Não tire mágoas*  
*Não tire mágoas de mim (...)*

Nessa coreografia feita pela Gabrielle, ao fundo do palco quatro homens seguram quatro espelhos. Os espelhos servem como reflexão não apenas do exterior, mas do que está no introspectivo, precisamos olhar para dentro de nós e, avaliarmos se a pessoa que compartilhamos a nossa vida está sendo recíproca ao nosso carinho e tempo depositado nela. Trata-se de um jazz em que alguns momentos, dançamos olhando para o espelho, de costas para o público. Para dar um aspecto dramático, o elemento central é uma saia comprida e esvoaçante vermelha.

**Ilustração 5** – Relacionamento abusivo / abuso sutil



Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

**5.6 Você é seu próprio lar:** Após essa coreografia, optamos em não haver um áudio gravado, mas que eu entrasse em cena e falasse ao vivo o que eu pretendia e para quem eu precisava que me escutasse: minha mãe. Eu não era um personagem e nem inventava alguma história, eu apenas falava o que me incomodava. Algumas vezes, ela conversava comigo preocupada para que eu arranjasse um namorado, e mais tarde um marido... (Ela não gosta de me ver solteira). Eu sei que essa preocupação surge com o medo de um dia, ela partir para o céu e me deixar sozinha, pois sua saúde não é deveras forte e também, nossa família não é muito presente. Mas, por mais que eu tentasse mostrar que eu não preciso de nenhum homem para ser feliz, ela insistia. Então, nessa cena eu olhei para ela que estava sentada na plateia e lhe expliquei que um casamento não era garantia de felicidade e estabilidade, mesmo casadas, muitas pessoas podem se sentir sozinhas, e que eu tenho que me bastar. Também falei de quando eu era criança e via na televisão algumas cenas em que as mulheres desmaiavam, e reclamei tristemente para a minha mãe que eu não era delicada como as mulheres que eu via nas novelas e nos filmes, eu não desmaiava e não agia como elas, então ela disse-me: “mas tu é decidida, prefiro ter uma filha decidida que uma filha delicada”. Sinto muito orgulho de ter recebido essa resposta, e mais orgulho ainda pela mãe que tenho, expliquei que a minha mãe é o meu maior exemplo de feminista, pois nunca dependeu de ninguém e sempre trabalhou para me sustentar, enfrentou tantas dificuldades e manteve-se sem medo de ficar sozinha, nesse momento, minha mãe fala da platéia “é porque eu tinha tu”, fui pega de surpresa, apenas sorri e chorei ao mesmo tempo, e reafirmei que ela era meu maior exemplo, mesmo conhecendo a existência da palavra ‘feminismo’ no mês que eu apresentaria o espetáculo. Enquanto eu discursava, as outras bailarinas entram em cena de mãos dadas e sentam no meio do palco, lado a lado. Minha fala era a introdução da próxima coreografia.

A mensagem a ser passada era da mulher empoderada, que enfrentaria críticas por decidir que ela se bastaria, não precisando ser esposa e mãe para ser “mais” mulher e feliz. A música que eu escolhi foi “Triste, louca ou má” da banda Francisco, el hombre. A coreografia começa minimalista, com movimentos de mãos e troncos, no refrão cada dupla interage da maneira que acharem melhor, eu queria que nesse momento elas expressassem o que estavam sentindo, sem haver uma partitura pronta, era para aflorar o que estava no íntimo, duas bailarinas passaram

todo o refrão: abraçadas chorando, pois estavam emocionadas com a minha fala de antes. Toda a coreografia é executada no chão, misturei jazz com gestos que não atribuo a nenhum outro estilo de dança. Determinei que elas usassem uma camisa clara e o short, insinuando certa seriedade, mas sem formalidade, com leveza e determinação ao mesmo tempo.

**Ilustração 6 – Você é seu próprio lar**



Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

**5.7 Profissões não femininas?** O próximo áudio comenta sobre o mercado de trabalho, mas começa com a seguinte informação “As mulheres, também foram para a guerra e não apenas como enfermeiras, havia aquelas que pilotavam aviões de combate”, e porque não é ensinado este fato (e tantos outros sobre mulheres, guerreiras, cientistas...) nas escolas? Hemmings justifica tal omissão:

(...) [Jennifer] Terry dá especial atenção a como desigualdades no presente permitem que certas histórias floresçam, e outras não, possibilitando que certas alianças sejam feitas, e outras não. (HEMMINGS, 2009, p. 219)



Neste áudio, obviamente é questionado sobre os salários inferiores aos homens e também, quando superestimam a mulher, como se fosse uma surpresa ela ser eficiente e ágil. Trópia et al. menciona:

Poderíamos dizer que as mulheres continuam enfrentando múltiplas formas de discriminação, excluídas de altos cargos, em desvantagem nas progressões funcionais, recebendo salários mais baixos, sobrecarregadas com a dupla jornada de trabalho e precariamente representadas nas instancias do poder, inclusive sindical. (TRÓPIA, 2016, pg. 27)

O Chico estava com um avental de uma escola de educação infantil e enquanto o áudio era escutado, ele escrevia em um quadro ao fundo do palco a palavra “PEDAGOGO”, para esta coreografia, cada bailarino era representante de uma profissão, e estávamos vestidos a caráter, escolhi profissões que não fossem muito atribuídas a cada gênero, havia: mecânica, médica, juíza de futebol, pedagogo e prostituta, essa última ocupação eu quis tê-la pela depreciação social que lhe é dada, esquecendo-nos que aquela pessoa merece todo o respeito, também, pode-se fazer a indagação de que seja mais fácil encontrar prostíbulos voltados ao público masculino do que ao feminino. A música que selecionei foi “Pagu” com a versão da Maria Rita, e a coreografia foi uma mistura de jazz e alguns elementos de danças urbanas, apelidei essa dança de “Broadway falida”, porque tem o deslumbre, mas também a parte caricata, o deboche.

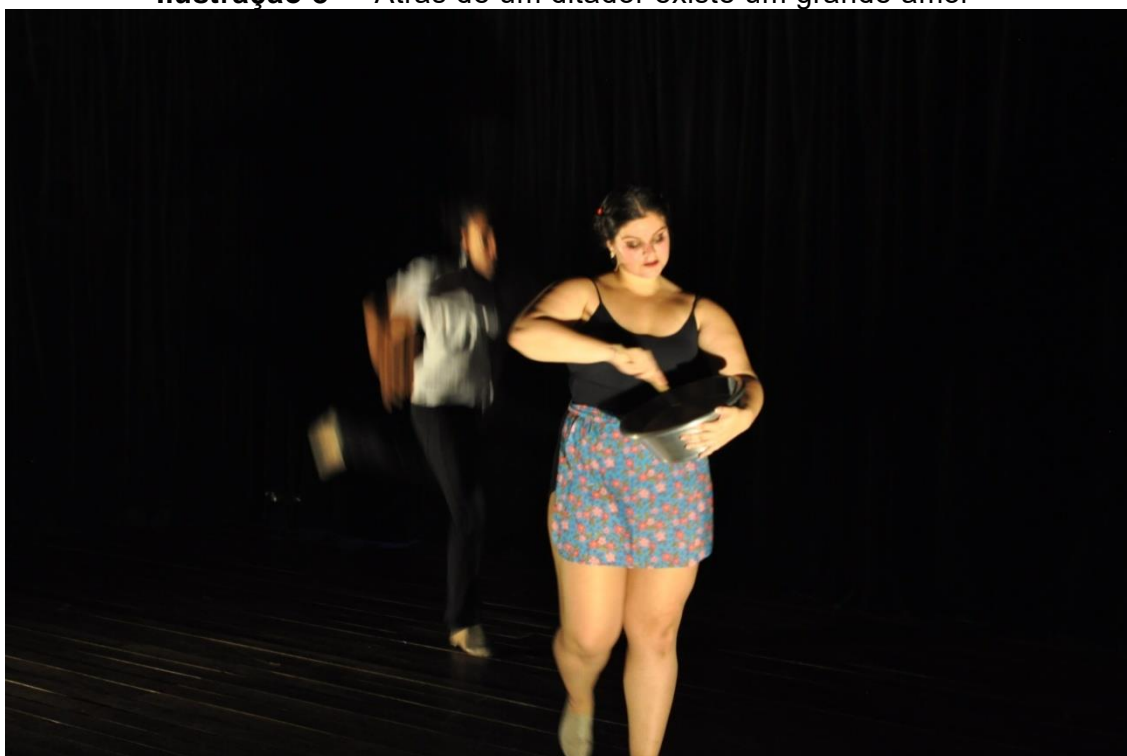
**Ilustração 7 – Profissões não femininas?**



Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

**5.8 “Atrás de um ditador existe um grande amor”:** Após essa cena, não temos um áudio que introduza a próxima coreografia, mas sim, uma cena em que o Chico faz um solo, ele e a Rafaela entram no palco com a música “Se eu largar o freio” do cantor Péricles, interpretando uma discussão, ela senta na cadeira e permanece mexendo seu bolo com uma colher, triste e sem reação aos insultos do marido, pois a música é extremamente machista e ofensiva, o Chico faz uma mistura de dança de salão com contemporâneo, ele dança apenas a primeira parte da música e se retira.

**Ilustração 8 – “Atrás de um ditador existe um grande amor”**



Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

**5.9 “Bela, recatada e do lar”:** Começa a tocar a canção que mais gosto do espetáculo, “Cotidiano” com a versão do Seu Jorge, aos poucos cada um começa a entrar no palco, o Chico retorna, mas como outro personagem. Agora, representamos as donas de casa, mulheres que vivem para o lar. Vestimos nossa roupa básica e o adereço principal que dá vivacidade ao personagem é o avental de cozinha. Esta coreografia eu que compus e, foi considerada a mais difícil pelos



bailarinos, é rápida e exige muitas finalizações, misturei danças urbanas com um pouco de jazz. A minha inspiração principal veio do seriado “Mad Men” que conta a história de um publicitário casado na década de 1960, que trai e negligencia sua esposa e seus filhos, porém, tudo isso é visto como algo normal, e fiquei com a imagem dessa esposa que fica em casa limpando e ajeitando tudo, mas que também quer se sentir amada e desejada pelo marido, então, durante a coreografia há momentos em que passamos a mão pelo corpo e movimentos mais sensuais, como se estivéssemos limpando a casa e entrássemos num estágio de alegria e desejo, três bailarinas tiram de dentro de suas roupas um pano e duas entram segurando uma vassoura, ao final dessa sequência, a Rafaela fica sozinha no palco, faz o seu solo e, em determinado instante duas bailarinas entram em cena novamente e depois saem limpando o chão. No final da música, o marido retorna ao palco e encontra sua esposa dançando alegremente, ele não aceita a situação e além de discutir a agride.

**Ilustração 9 – “Bela, recatada e do lar”**



Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

**5.10 Violência doméstica:** A esposa (Rafaela) fica desolada e aos poucos, organiza a casa... Ao mesmo tempo, escutamos uma canção que também é da

Banda Carmelita, “Rosa”, esta é a introdução para a próxima dança. Aos poucos retornamos em cena, optamos em continuarmos com as roupas básicas e o elemento principal ser um cardigan, cada uma com uma cor diferente. A mensagem a ser passada a seguir é forte e possui bastante empoderamento, o cardigan foi a peça escolhida para representar essa força, e o colorido de expressar esse empoderamento. Trago em minhas mãos o cardigan da Rafaela que o veste e nos posicionamos...

Agora, apesar do cansaço, trazemos toda a raiva e indignação, toda a revolta que a violência doméstica provoca. A música escolhida não poderia ser outra, “Maria da Vila Matilde” de Elza Soares. Não há mistura, é uma coreografia de danças urbanas com alguns movimentos fortes. Abro um parêntese para explicar que certa vez, eu estava coreografando esta dança em minha casa e depois de algum tempo eu não conseguia mais produzir nada, fiquei “bloqueada”, então pensei em escrever para me inspirar através das palavras uma sequência. Então, teci em meu quadro branco um poema para o meu pai. Em menos de um minuto eu havia terminado, “vomitei” as palavras, vieram facilmente. (Minha mãe sofreu violência doméstica pelo meu pai no período que eles reataram o casamento). Depois de escrever o poema, coreografei inspirada no que cada frase significava. Quem coreografa articula também possíveis métodos que ajudem a trazer uma influência, iluminação coreográfica. Ao final da dança, a Rafaela é levada contra sua vontade por dois homens que a vestem com uma camisa masculina ao contrário, representando uma camisa de força.

#### **Ilustração 10 – Violência doméstica**



Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

**5.11 Depositadas, silenciadas:** Estimulada pelo livro “Holocausto Brasileiro” de Daniela Arbex (2013), eu queria que a última cena se constituísse em um hospício. Escutamos o áudio final do espetáculo que explica que os hospícios não eram apenas para os loucos, mas, para as mulheres descartadas pelos maridos, grávidas, entre outras circunstâncias, e enquanto o áudio transcorre o Chico coloca cinco camisas masculinas no palco, uma de cada vez, entra no palco e senta-se para vestirmos as camisas ao contrário, aludindo ser uma camisa de força, já que não teríamos como conseguir cinco camisas de força, resolvemos utilizar de forma poética essas camisas masculinas, repercutindo de modo literal a opressão que passamos, sendo que este aprisionamento físico é proporcionado por um traje masculino, além de que, estes são, na maioria, os causadores de estarmos ali, protestando por um mundo mais digno para nós, mulheres. Ao término do áudio, ouvimos apenas a introdução da música “Respeita” de Ana Cañas. Fazemos movimentos de troncos, como se realmente fôssemos loucas, afinal, nos confinaram a aquele lugar, entretanto, quando quiséssemos, olhávamos fixamente para a platéia, como se questionássemos a nossa loucura. Depois de certo tempo, escutam-se várias vozes masculinas vindas do fundo do teatro gritando “LOUCAS!”. Termina o espetáculo.

Esse não era o final que eu havia imaginado, mas os integrantes do coletivo julgaram que esse final era bom e coerente com toda a nossa proposta. Fica a reflexão que muitas vezes quando reivindicamos nossos direitos ou quando acusamos um abuso ou constrangimento, a primeira reação masculina é nos atribuir a imagem de loucas. Confirmando o que Gonçalves cita:

Quando restrita a seu papel tradicional de dona de casa e mãe, limitando sua atuação, portanto, ao espaço doméstico, ela revelaria a face benfazeja da bipolaridade intrínseca a “natureza feminina”. Do contrário, revelar-se-ia seu outro lado “mágico, vermelho como o sangue, negro como o diabo, maléfico”. (GONÇALVES, 2006, p. 49)

Ser mulher é carregar intrinsecamente – ao olhar moldado da sociedade patriarcal – a imagem da histeria. Se uma mulher grita, ela está descontrolada. Se um homem grita, talvez, seja apenas raiva. De alguma forma, a mulher está mais vulnerável a associar-lhe alguma patologia, distúrbio.

**Ilustração 11** – Depositadas, silenciadas



Fonte: Arquivo pessoal Pâmella Bolzan

Nesta foto à cima, estamos usando as camisas masculinas com a abertura para as costas. Redefinimos a simbologia da camisa masculina, classicamente retratada em filmes, novelas, seriados, em que a mulher a usa, geralmente, após uma cena que mostre ou indique que houve relação sexual.

Agora, termino este capítulo, fazendo uma análise final do meu trabalho neste espetáculo e do empenho em transformar toda essa experiência em palavras... Percebo que deixei de lado, a minha personalidade forte e enérgica. Adotei o comportamento que, infelizmente, surge nos momentos em que eu não sei o que fazer. Transformo-me em uma pessoa sem autoconfiança, penso que as outras pessoas sempre estão certas e eu errada. Mas, como não é possível mudar o que já foi feito e vivido, ressalto que algumas vivências não são construídas com um

enredo ausente de dificuldades. Porém, tenho a certeza que os embaraços e crises, são ótimos professores. Em uma próxima oportunidade de ser diretora, coreógrafa ou integrante de qualquer coletivo, estimo que eu seja mais segura das minhas escolhas e com o meu proceder. “A vida é uma escola”. E nesse contexto de lidar com diferentes gênios e gostos, a dança permanece como intermediadora de sutilezas, pois, é necessário ouvir e seguir as informações de quem coreografa, também, de saber escutar sugestões e melhorias na coreografia de sua autoria. Todas nós queríamos apresentar um espetáculo bonito e coerente, então, aprendemos a opinar sobre nossos movimentos e decisões de uma forma mais convincente, porém, com a preocupação em não sermos grosseiras. Jamais esquecerei a frase que escutei da professora Luciana Paludo<sup>8</sup>, seja “enérgica, porém, gentil”.

---

<sup>8</sup> Graduada em Dança (Bacharelado e Licenciatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Fundação Teatro Guairá (1990). Professora do curso de Licenciatura em Dança da UFRGS. Componente da Comissão de Graduação do curso de Licenciatura em Dança da UFRGS, na condição de coordenadora substituta (2017-2019).

## 6 CONCLUSÃO

Quando eu preparei a minha defesa de TCC I, pedi a duas bailarinas que dessem um depoimento, para trazer outras visões que agregassem e enriquecessem este trabalho. Perguntei como elas avaliavam esta temática, o feminismo, o nosso espetáculo em geral e se elas consideravam ser um assunto clichê.

Gravei a resposta da Danielle Cappelletti que foi a seguinte:

É um tema que deve ser debatido cada vez mais em nossa sociedade que é, infelizmente, ainda muito machista, e que faz a mulher se sentir oprimida por diversos jeitos. Acho importante abordar de diversas maneiras, seja de forma mais sutil ou até mostrando a realidade na cara mesmo. Às vezes me sinto triste por perceber que eu sou um pouco machista, mas faz parte e que bom que eu estou tendo consciência disso para poder melhorar. Vejo que também sofro opressões... Opressões que são sutis e não nos damos conta e achamos que vai ser assim e que nunca vai mudar... E vemos que pode mudar sim. (CAPELLETTI, 2017, INFORMAÇÃO VERBAL)<sup>9</sup>

A resposta da Rafaela Machado foi via *WhatsApp*:

É uma temática manjada, mas deve ser discutida. Quando temos a oportunidade de dançar e expressar a nossa revolta... Expor a questão da opressão e da vida da mulher na sociedade. Eu sinto orgulho de fazer parte. Me faz pensar nas diversas situações que eu passo no dia a dia e também a criar estratégias para de repente fugir ou melhorar isso. O problema da temática feminista é a forma como é interpretada, porque muita gente interpreta de uma forma extremista e na realidade a nossa revolta, a nossa luta... É sobre representatividade social, igualdade de gênero, ser aceito como um igual perante os homens e os homens como um igual perante as mulheres e não sobre um extremismo de que mulheres são melhores que os homens. O espetáculo foi construído de forma bem coletiva, mesmo tu (Pâmella) dirigindo e propondo foi bem coletiva, porque tivemos diversas discussões sobre as temáticas utilizadas, o poder de convencimento de todas nós é muito forte. (MACHADO, 2017, INFORMAÇÃO VERBAL)<sup>10</sup>

Dessa maneira, a partir desses relatos, sinto-me feliz por ter convidado essas bailarinas a participarem desse projeto e, por conseguinte, a pensarem a respeito de suas vidas e na sociedade que vivemos.

---

<sup>9</sup> Danielle Cappelletti. **Diário de campo da autora**. Porto Alegre, 20 de novembro. 2017.

<sup>10</sup> Rafaela Machado. **Diário de campo da autora**. Porto Alegre, 20 de novembro. 2017.

Iniciei a minha escrita citando uma frase de Ferreira Gullar, e encerro o reverenciando novamente:

Qualquer coisa pode espantar um poeta, até um galo cantando no quintal. Arte é uma coisa imprevisível, é descoberta, e uma invenção da vida. E quem diz que fazer poesia e um sofrimento está mentindo: é bom, mesmo quando se escreve sobre uma coisa sofrida. (GULLAR, 2010)

Substituí mentalmente neste trecho a palavra “poesia” por “coreografia”. Mas será que é necessário? Uma dança pode ser tão poética quanto os versos mais lindos que nos pegam de surpresa. “Qualquer coisa pode espantar um poeta” e um coreógrafo também. Muitas vezes, colocamos nosso fone de ouvido, ou até mesmo sem música alguma, fechamos os olhos, ou abertos mesmo, e lá está a coreografia. Em nossa imaginação, nossos movimentos são limpos e harmônicos, combinamos força-agilidade com toda a delicadeza possível, é tão lindo! Coreografamos quase na velocidade da luz e tudo sai perfeito. Pena que fica ali, no imaginário.

Coreografar para bailarinos que vieram de diferentes estilos de dança é além de enriquecedor, desafiador. Onde se precisa de suavidade há dureza e onde necessita a raiva/força há delicadeza. Às vezes, não havia como “pegar” o que cada um tem de melhor e colocar nas coreografias, todos tinham que fazer o mesmo movimento, com a mesma intensidade.

Ao contrário do bailarino e coreógrafo Dias, ex-aluno do curso de dança da UFRGS, que relatou em seu trabalho sobre a sua pausa na área da criação, justificando:

Depois de “encerrado” o “Viva e deixe morrer” veio uma longa pausa, talvez tivesse eu entrado em um luto necessário, um momento diferente entrei em um lugar desconhecido porém interessante, pude me permitir ser outra coisa. (DIAS, 2015, p. 16)

Eu não tive esse momento diretora - coreógrafa, para depois poder “descansar” desses cargos. Preciso buscar em algum lugar a minha autoestima de modo geral, e depois a minha autoconfiança como artista. Eu não conseguia “mandar” nos bailarinos, inclusive, para chamá-los a voltar a ensaiar após o intervalo eu sentia constrangimento. A minha facilidade é conduzir crianças, minha área é lidar com o público infantil, domino muito bem esse campo. Mas, adultos... Não!

Apesar de que, uma vez a Aléxia disse para eu ser mais enérgica, pois no fundo, todos os bailarinos são crianças e precisam de um pulso firme. Porém, eu não consigo vê-los como crianças e, talvez, por este motivo eu não tenha conseguido ser rigorosa e enérgica.

Apesar de tudo, trata-se de uma questão que eu tenho que resolver comigo. Entendo que todos estavam cansados e estavam trabalhando, não havia como expressar muita empolgação e felicidade acordando cedo ou tarde da noite, nos horários de ensaio. Sou grata a essas pessoas que fizeram todo o espetáculo, dedicaram consideravelmente de suas vidas a esta fantasia que virou realidade, por um convite feito na mesa do bar. Repito, sem eles, eu não faria nada.

Eu nunca imaginaria que o espetáculo trouxesse os retornos positivos que tivemos até agora, antes de estrearmos, fomos contratadas pelo RUBIK PRÉ - ENEM de Porto Alegre, para apresentarmos um pocket show da nossa apresentação em um evento organizado pelo RUBIK para um dia de palestras aos seus alunos. Fomos indicadas por uma ex-aluna do curso de dança que estuda nesse curso. Os organizadores procuravam alguma atração artística que trouxesse o feminismo como ponto central. Foi o nosso primeiro trabalho remunerado, nos proporcionando uma esperança, como artistas, de que podemos estar no caminho certo, também, que a nossa temática está sendo consideravelmente valorizada como um meio de informação e entretenimento. Unir arte-protesto funciona.

Além disto, recebemos o convite de nos apresentarmos para o curso de dança em Pelotas (UFPEL), estamos aguardando a confirmação, pois o diretório acadêmico do curso depende da verba da universidade para arcar com o nosso deslocamento e afins.

Também, nos inscreveremos em editais para tentarmos nos apresentar em um teatro com mais estrutura (apesar de eu gostar do ambiente intimista da Cia de Artes), e, quem sabe, conseguirmos fazer uma turnê pelo nosso estado. Acredito que quanto mais espectadores nós tivermos, mais pessoas conscientes para passar adiante sobre o feminismo e o que buscamos: a igualdade e o respeito, nada mais.

Conversando com alguns amigos que assistiram ao espetáculo, constatei que meu objetivo tinha sido alcançado, pois escutei relatos que depois da nossa apresentação, algumas pessoas haviam mudado sua forma de pensar e agir, principalmente com as mulheres. Um amigo, contou-me que nunca havia imaginado o quanto a sua mãe ou irmã pudessem estar expostas nesse mundo machista, e



também, do machismo que ele mesmo reproduz, e que o espetáculo o emocionou muito. Acredito que se a mudança é feita em poucas ou apenas em uma pessoa, qualquer esforço já tenha valido a pena. Minha vocação de professora (sim, acredito que ensinar seja uma vocação) estima que todo o aprendizado para um mundo melhor, seja algo imensurável, independente da quantidade de pessoas a serem contempladas com o conhecimento e com uma nova forma de ver a vida. Um espectador que adquira outra perspectiva a partir do espetáculo que eu tanto quis criar com meus amigos, já me faz pensar “missão cumprida”.

Outro resultado que o espetáculo trouxe e que eu jamais pude idealizar: o retorno **familiar**. Depois que a apresentação terminou, vi lágrimas nos olhos de alguns parentes, emocionados com tudo que tinham presenciado, inclusive, com a parte que eu falo diretamente para a minha mãe, citando que o principal motivo dela se preocupar tanto para que eu construa a minha família, seja pelo fato da nossa não ser unida. Neste dia, alguns entes viram que descuidaram do verdadeiro significado que traz a palavra ‘família’ e passaram a nos tratar com mais zelo e carinho. Inclusive, eu e minha mãe fomos convidadas para passar o natal em família, a última vez que passei o natal com a minha família, faziam mais de dez anos. Outro fator importante é o reconhecimento como artista, alguns não esperavam nada de mim, depois de já ter surpreendido por entrar em uma faculdade, agora puderam ver os frutos que a formação acadêmica me possibilitou.

## REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 9ª Edição. Local: Lapa – SP. Geração Editorial, 2013.

BANDEIRA, MANUEL. **Pneumotórax**. Retirado do site Pensador. Disponível em: [HTTP://www.pensador.com/manuel\\_bandeira\\_poesias/2/](http://www.pensador.com/manuel_bandeira_poesias/2/). Acesso em: 09 de agosto, 2017; 13:25.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2ª Edição. Local: Rio de Janeiro – RJ. Editora Nova Fronteira, 2009.

BOLDRINI, Giovanna. **The Good Wife's Guide**. Artigo da revista Housekeeping – Monthly. Retirado do site: [littlethings.com](http://littlethings.com). Disponível em: <https://www.littlethings.com/1955-good-housewife-guide/>. Acesso em: 18 de setembro, 2016, 23:20.

DIAS, Thiago Rieth. **Agridoce, um processo colaborativo de autorizar-se: eu coreógrafo?** 2015. 94f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Licenciatura em Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GONÇALVES, Andréa. **História & Gênero**. 1ª Edição. Local: Belo Horizonte – MG Autêntica Editora, 2006.

GUARAGNA, Gabriela Beirão de Almeida. **Processo de Criação do (espetáculo) pratos descartáveis: um processo de reciclar-se**. 2016. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Licenciatura em Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GULLAR, Ferreira. Entrevista ao editor Samuel Titan Jr. Retirada do site [g1.globo.com](http://g1.globo.com). Disponível em: [g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-](http://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-)

porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html. Acesso em: 08 de agosto 2017, 24:45.

HEMMINGS, C. **Contando estórias feministas**. 2009. Revista Estudos Feministas.

MEYER, Dagmar. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 1ª Edição. Local: Porto Alegre – RS. Editora Mediação, 2004.

OLIVEIRA, Elaine. **O feminino e as novas tecnologias de comunicação e informação**. X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste – SIPEC, Rio de Janeiro, 7 e 8 de dezembro de 2004.

RAMIRES, Gaju. Poema **Eu não nasci mulher**. Retirado do Facebook na página Moça, você é mais poesia que mulher. Disponível em: <http://instagram.com/mocaepoesia>. Acesso em: 12 de março 2017, 17:21.

RODRIGUES, Júlia de Arruda. **A Construção Histórica e Cultural do Gênero Feminino. E a valorização do trabalho da mulher**. (2012) 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa Sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012, João Pessoa.

TRÓPIA, Patrícia. **Mulheres Trabalhadoras (in) visíveis?** 1ª Edição. Local: Belo Horizonte – MG. Fino Traço Editora, 2016.



## Apêndice II – Registro das anotações de uma roda de conversa

2ª conversa: (Saline) "não interessa o que você foi julgada".

Mulheres são mais julgadas que os homens? A vida é mais instigante do que a vida de um homem? Porque por milênios nunca fomos rissos, mas sim, somos a construção de um corpo que não nos pertence, e um pensamento que não nos pertence, atitudes que Saline, não por vontade própria. Ainda estamos nos pertencermos. Umas estão mais, outras menos.

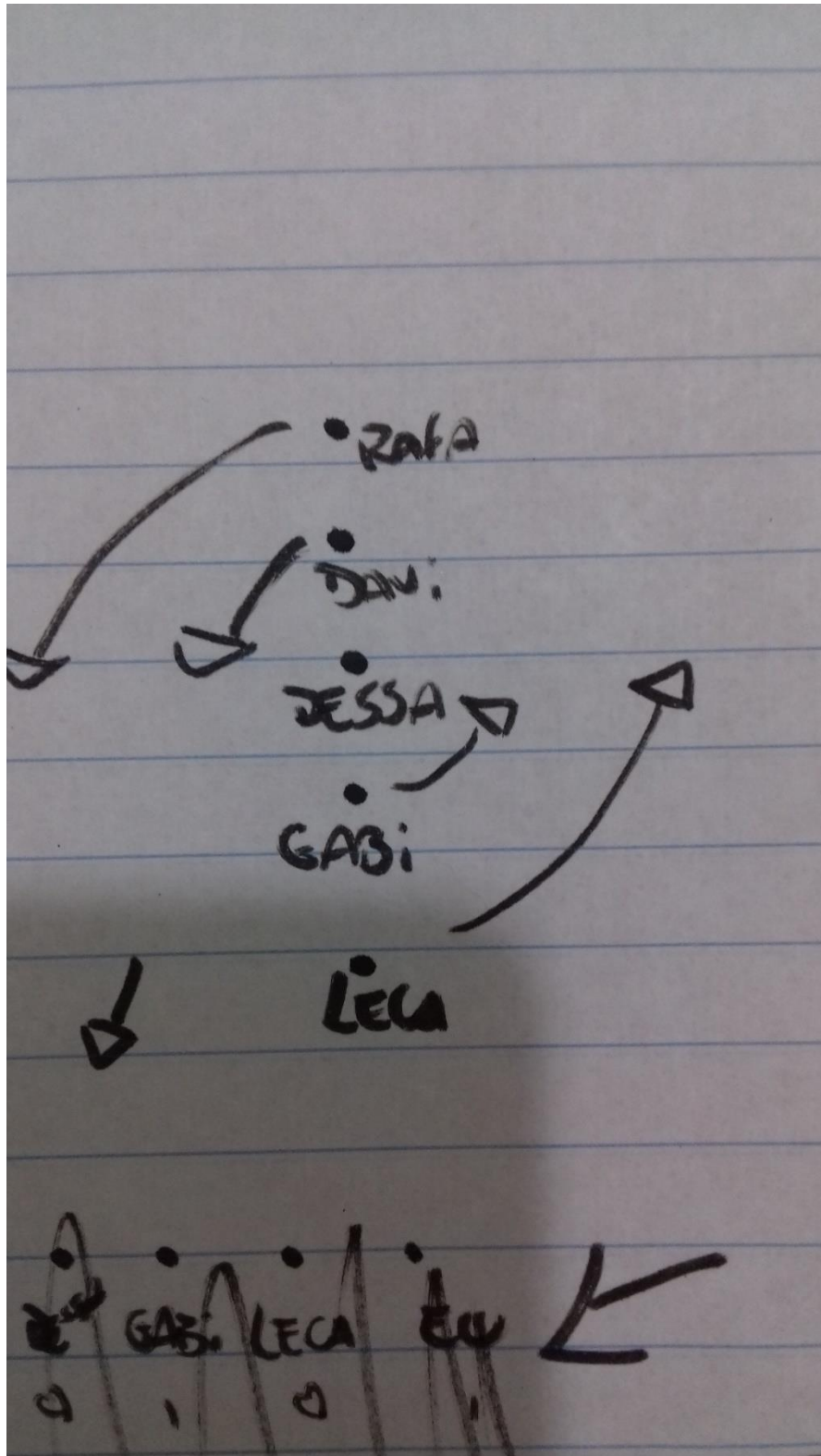
Se eu me pertence, eu incomodo. Eu quebro, por isso de costas para o que sempre foi, mas agora... Aí diz: "Não sou obrigada!".

→ Na segunda roda de conversa percebi que também <sup>de</sup> <sup>ser</sup> importante, além de ser através desse traço de ideias e e parecem uma parte do conteúdo deste TCC, e a conexão com ele entre nós, um corinho, afinidade. <sup>de</sup> <sup>ser</sup> obviamente não concordamos com tudo, mas aí também aceitamos, tentamos entender, criar empatia...

É como se estivéssemos ligadas por algum fio invisível não tem salto em meu celular o nº de todos ou seguidores no Instagram, esse fio - que só eu imagino, eu creio -

Meu diário de bordo. Após a segunda roda de conversa, anotei algumas reflexões.

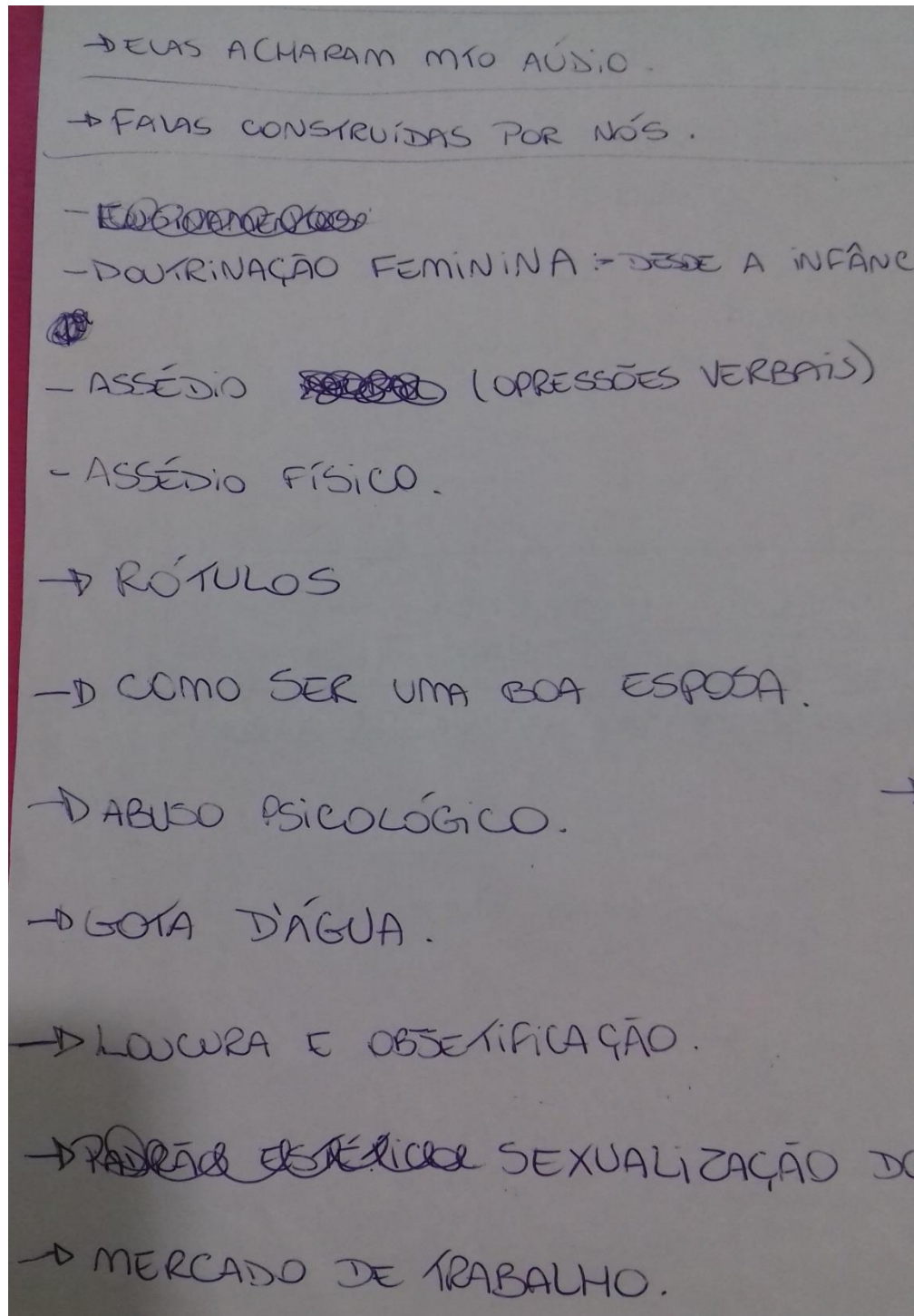
## Apêndice III – Registro de um desenho coreográfico



Registro da composição coreográfica da parte em que as bailarinas executam os movimentos em fila e agachadas. Coreografia: Violência doméstica.

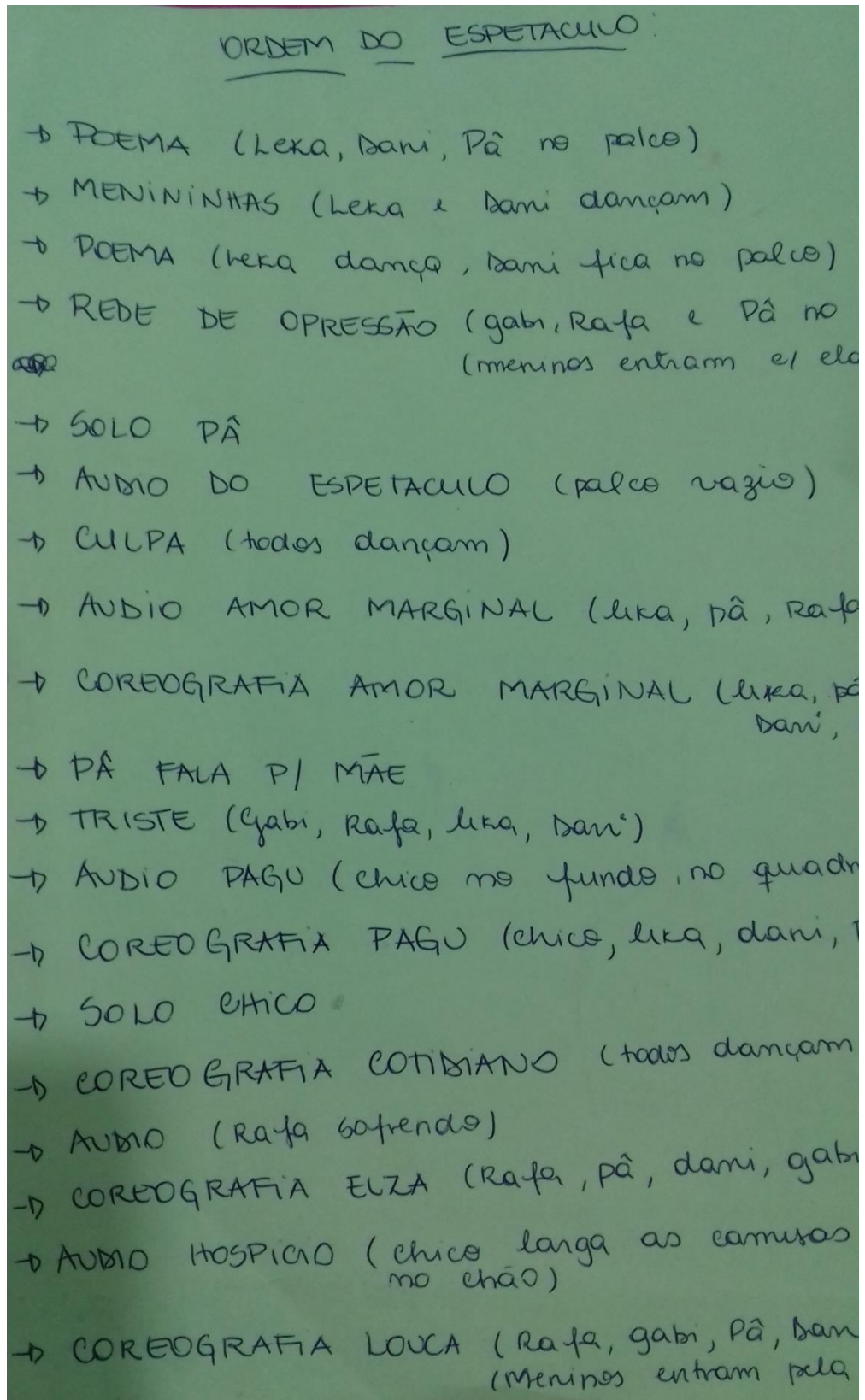


#### Apêndice IV – Registro dos temas escolhidos em uma reunião



Registro após uma reunião com as integrantes do coletivo, para definirmos os tópicos (assuntos) a serem articulados no espetáculo.

### Apêndice V – Registro do roteiro do espetáculo

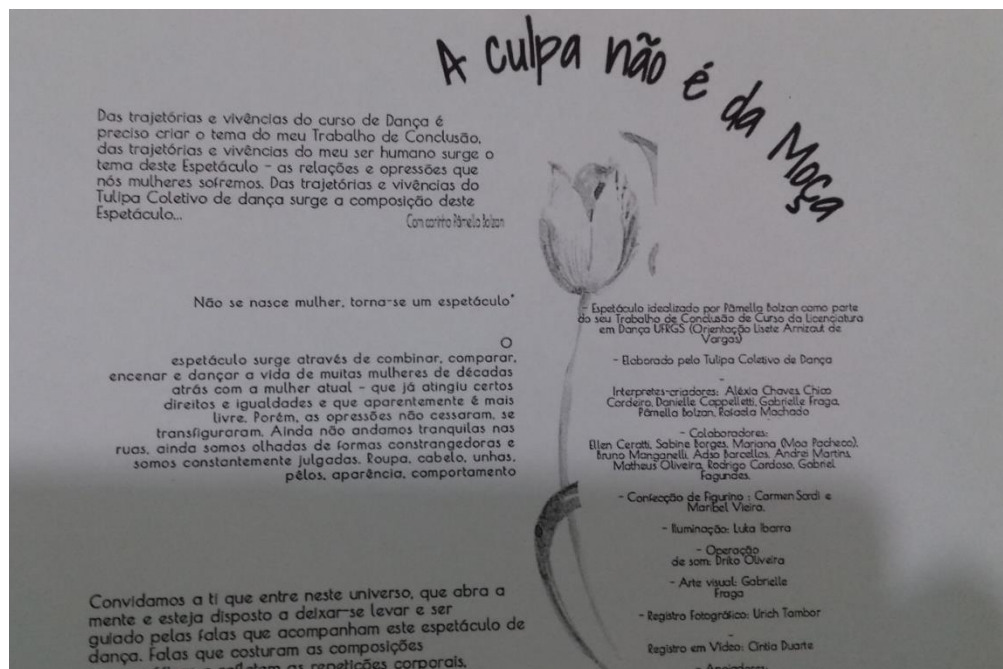


Roteiro do espetáculo escrito no dia da estréia (27 de outubro de 2017).



## ANEXOS

### Anexo 1 – Programa do espetáculo “A culpa não é da moça”



Programa do espetáculo elaborado pela bailarina Gabrielle Fraga.

### Anexo 2 – Ingresso do espetáculo



Ingresso do espetáculo elaborado pela bailarina Gabrielle Fraga.